

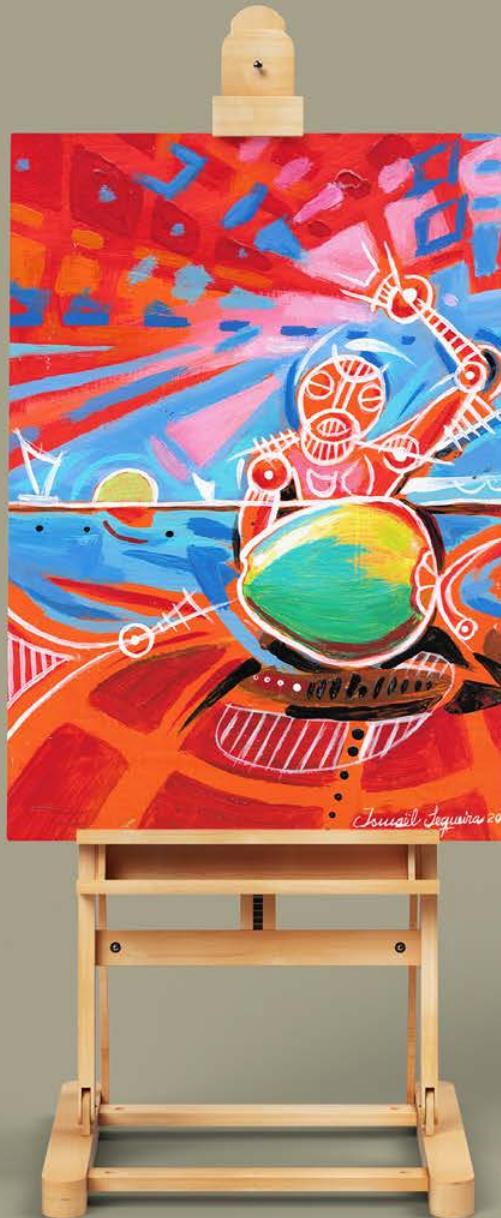
EDIÇÃO 20

AGOSTO 2022

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E





Obras de Capa Ismaël Sequeira

Casa de Portugal – André de Gouveia - Paris

OBRASDECAPA.PT

p/06 e 07.

Comitiva da AIID presente na reunião do Conselho Permanente do CCP
Verão e as férias

p/ 12.

Grande Entrevista, Bernardo Cruz, Secretário de Estado da Internacionalização

p/ 28.

Antes da Pandemia Portugal era o novo centro de investimento
Por Gilda Pereira

N E S T A E D I C Ā O

p/ 38.

Bayingyis, os lusodescendentes de Myanmar. II Parte
Por Joaquim Magalhães de Castro

p/ 42.

Artes e Artistas Lusos. Guilherme Rodrigues
Por Terry Costa

p/ 48.

As ondas de calor em Portugal
Por Vítor Afonso

Obra de capa

Título: Impossible

Dimensões: 49 x 33

Técnica: Mista sobre drop paper

Descrição da obra:

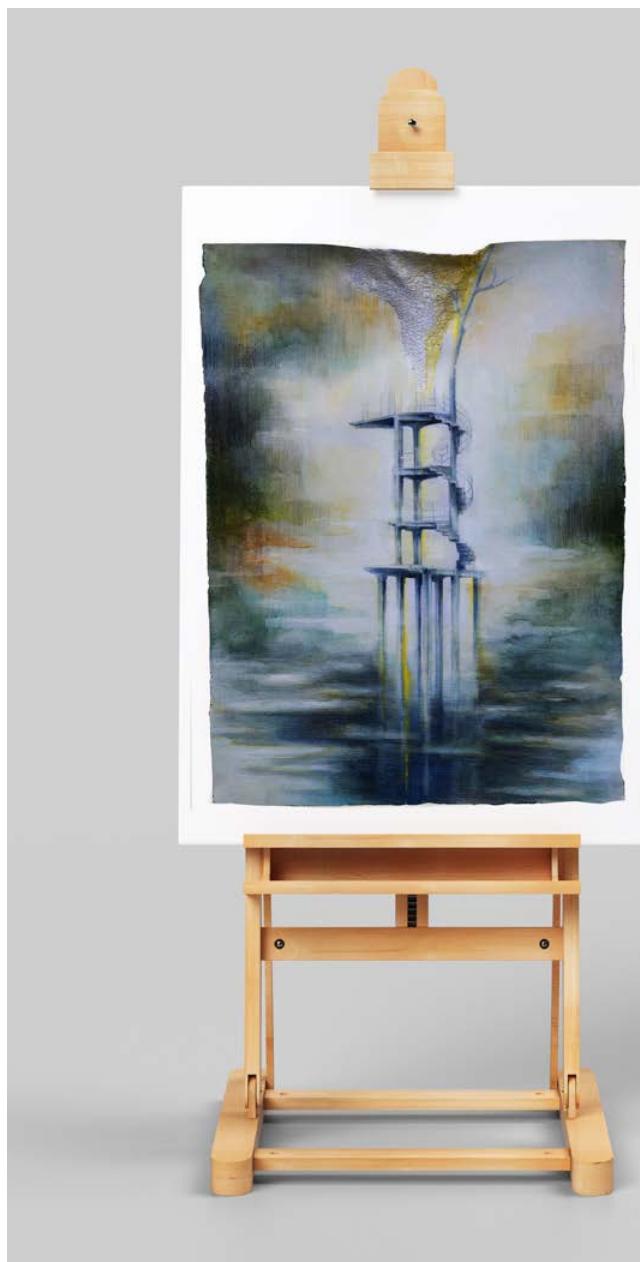
ATARAXIA

Num quadro
o melhor dos remédios
para um tempo que corre
demasiado depressa

Texto de: Paulo Pego

Sónia Aniceto

obrasdecapa@obrasdecapa.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | Diretora Adjunta Gilda Pereira | Editores António Manuel Monteiro, Cristina Passas, Diana Correia, Fatinha Pinheiro, Flávio Alves Martins, João Costa, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sílvia Faria de Bastos, Tiago Robalo, Vitor Afonso | Revisão JG Consulting | Design Gráfico Amostra de Letras | Estatuto editorial <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | Editor e Proprietário Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | Administração Fátima Magalhães - 100% capital | Periodicidade Mensal | Contactos E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | Publicidade E: publicidade@descendencias.pt | Anúncios A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios

nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | Direitos Em virtude do disposto no artigo 68º nº2, i) e j), artigo 75º nº2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | Sede Editor/Redação Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | Registo ERC 127522 | Edição 20, agosto 2022 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

Não perca, o olhar de “Impossible” a obra de agosto de Sónia Aniceto. Que obra esta!

José Governo relata como foi a reunião do Conselho Permanente do CCP e o contributo da AILD na discussão de vários temas, problemas, constrangimentos e oportunidades relevantes no que diz respeito às Comunidades Portuguesas.

Philippe Fernandes lança o desafio aos portugueses que vivem no estrangeiro, para aproveitarem a sua estadia em Portugal e atualizarem a sua morada e também a dos seus filhos, no cartão de cidadão. Uma boa forma de os tornar visíveis para Portugal e ter-se uma ideia da verdadeira dimensão das comunidades portuguesas. João Pedro Vieira é o responsável pela área dos negócios e Empresas (recentemente criada na AILD), um empresário de sucesso, mestre em economia. A grande entrevista deste mês é com o Secretário de Estado da Internacionalização, Bernardo Ivo Cruz. Descubra os novos caminhos da internacionalização do nosso país. Antes da Pandemia Portugal era o novo centro de investimento. Será que se vai manter como tal? Melissa da Silva, relata os desafios diários para promover a cultura portuguesa na Austrália. No mês passado falamos de um órgão de comunicação com mais de meio século. Desta feita trazemos um jornal com uns magníficos 74 anos!

Não perca a segunda parte do artigo sobre os Bayingyis e a origem da sua lusodescendencia. Descubra o artista e a arte de Guilherme Rodrigues e a sua improvisação livre. As ondas de calor em Portugal são tema recorrente nesta altura do ano. Vítor Afonso explica-nos este fenómeno climático. Hilda Hilst, uma das maiores escritoras do século XX é a nossa poetisa eleita este agosto. Leonor Barruncho vem realçar a importância do papel do Terapeuta da fala na intervenção precoce na infância e do SNIP. Com várias presenças em mostras e festivais, Patrícia Silva é hoje uma referência na arte de fotografar. Descubra a sua lente. De Matosinhos trazemos as festas, os mercados e outras descobertas que faltavam revelar. O João Costa leva-nos a Barcelona, a cidade de Gaudí. E porque o Marco Neves vai de férias resolveu presentear-nos com os brasileiros, galegos e portugueses, e a língua que os une. Rogério Fernandes Ferreira & Associados esclarece-nos sobre o novo regime das mais-valias e o seu enquadramento tributário. Por último um importante alerta sobre os expatriados e as regras fiscais do país de destino não esquecendo o país de origem. Acreditamos que seremos uma boa companhia para as suas férias. Voltamos ao vosso encontro em setembro.



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

| AILD

Reunião do Conselho Permanente do CCP

No passado dia 4 de julho, a AILD – Associação Internacional dos Lusodescendentes, representada através de uma comitiva composta por Philippe Fernandes e José Governo, participaram num encontro inédito do Conselho Permanente do Conselho das Comunidades Portuguesas, na Assembleia da República (Sala Dr. Almeida Santos), que reuniu diversas associações que trabalham as Comunidades Portuguesas, permitindo a discussão de vários temas, problemas, constrangimentos e oportunidades relevantes no que diz respeito às Comunidades Portuguesas.

Na intervenção da AILD, trouxemos para a discussão a necessidade do reforço da intervenção política em áreas como a necessidade da adaptação parlamentar à atual realidade do novo universo eleitoral como consequência do recenseamento automático; a necessidade da legislação eleitoral adaptar novos métodos de voto, nomeadamente, o voto eletrónico; o ensino do português no estrangeiro, destacando a introdução da língua portuguesa no ensino regular dos países de acolhimento e a grande aposta dos lusodescendentes poderem vir estudar para as Universidades em Portugal e para as Escolas Profissionais; a promoção da língua e cultura portuguesa; a promoção, apoio e importância do movimento associativo; a diplomacia económica; mas também, destaque para o enorme capital e potencial que são as nossas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, do ponto de vista económico, social, político e estratégico que Portugal deve aproveitar.

Um destaque ainda para os luso eleitos e para as autarquias locais em Portugal, sobretudo, as do interior, que devem manter laços de proximidade. Abordamos ainda a importância da revisão da lei que regula o financiamento das associações das Comunidades Portuguesas. Foi feito ainda referência ao trabalho que tem sido desenvolvido pela AILD, através de uma vasta equipa e também, ao nosso projeto de internacionalização da AILD, através da criação de Delegações da AILD em diversos países do globo.

Este encontro permitiu rever vários amigos do CCP, mas também personalidades das Comunidades Portuguesas, como a Dra. Manuela Aguiar (ex. Secretária de Estado das Comunidades Portuguesas), Dr. Victor Gil (ex. Adido social e cultural em Paris), atualmente, membros da Associação Mulher Migrante.

Estiveram ainda presentes o Presidente do Conselho da Diáspora da Presidência da República; o representado Conselho da Diáspora das Comunidades Açorianas; do Observatório das Comunidades Portuguesas – SEDES, da Associação Também Somos Portugueses e do Observatório dos Lusodescendentes. Naturalmente, uma palavra ao Dr. Flávio Martins (Presidente do Conselho Permanente do CCP), pelo enorme trabalho que tem sido desenvolvido por todos os conselheiros do CCP, numa difícil missão, cujo órgão merece maior acompanhamento, apoio e visibilidade por parte do Governo.

Uma iniciativa muito positiva, que estou certo dará os seus frutos, deixando em nome da AILD um profundo agradecimento pelo convite e felicitações por esta importante iniciativa, no início de um novo mandato, ao qual nos colocamos ao dispor para continuarmos a colaborar e a estabelecer parcerias, seja através destes encontros, seja através da revista Descendências Magazine, seja através de outras formas de colaboração, em prol de objetivos comuns – as Comunidades Portuguesas.

O Conselho das Comunidades Portuguesas é o órgão consultivo do Governo para as políticas relativas à emigração e às comunidades portuguesas no estrangeiro, com um conjunto de competências bem definidas e, por conseguinte, em muito podem contribuir para as políticas governativas nesta área, na política externa e na construção de um Portugal mais unido e mais igualitário.

É pois, neste espírito cooperativo que a AILD se coloca, tal como foi referido de forma repetida neste encontro de trabalho, “Sozinhos vamos eventualmente mais depressa, mas juntos, iremos seguramente mais longe”.

No Verão enquanto os portugueses de cá procuram passar férias no estrangeiro, os portugueses de lá procuram Portugal, no entanto, com estas vagas de cancelamentos sucessivos de voos, que passou ser o nosso novo normal, até os de cá ficam cada vez mais em Portugal, embora existam, para além deste, outros fatores que levam os portugueses a aproveitar ao máximo o seu País.

Aproveito para lançar o desafio aos portugueses que vivem no estrangeiro, a aproveitarem a sua estadia em Portugal, para atualizarem a sua morada e também a dos seus filhos, no Cartão de Cidadão.

Caso os filhos ou netos não tenham ainda cartão de cidadão, que façam o necessário para o ter. Este pequeno sacrifício do tempo de Verão, é uma boa forma de os tornar visíveis para Portugal, e só desta forma, se pode ter ideia da verdadeira dimensão das comunidades portuguesas que vivem fora de Portugal.

Ainda recentemente o nosso Secretário de Estado

para as comunidades portuguesas, o Dr. Paulo Ca-fôfo, afirmava que esta comunidade era constituída por 5 milhões, mas que muitos pensam que somos mais.... Contudo, mesmo que sejamos 5 milhões, este número não deixa de ser extremamente significativo para um país que tem 9 milhões de portugueses, no entanto, 9 milhões é representado por 226 deputados e 5 milhões é representado por 4 deputados.

Muitos dos portugueses que vivem no estrangeiro, sentem que passam a ser cidadãos de segunda porque não são tratados com a mesma dignidade que os que ficam.

Não são representados de igual modo na Assembleia da República, parece que tudo é feito para dificultar a sua votação, e mesmo quando conseguem votar, os seus votos são maltratados, muitas vezes anulados como se não valessem nada, tendo inclusive o Tribunal Constitucional sido obrigado a intervir, para dizer que esses votos têm

| **A I L D**

O verão e as férias

valor, não são uma mera formalidade eleitoral, e que se devem respeitar os seus efeitos. Saudamos os lusodescendentes e outros portugueses que se envolveram nos últimos anos com a colaboração com os de cá, para que a voz dos portugueses que vivem no estrangeiros seja também ouvida no dia das eleições.

O futuro de Portugal está na vitalidade das suas comunidades, e também deveria estar no seu voto. Como todos sabem os portugueses residentes no estrangeiro podem votar nas eleições nacionais para a Assembleia da República e para o Presidente da República. Podem também votar nas eleições do Parlamento Europeu, podendo escolher neste caso, se votam nas eleições portuguesas ou nas eleições do seu país de residência.

Neste momento, a Assembleia da República não está minimamente interessada em aumentar a justa representação dos cidadãos portugueses que vivem no estrangeiro, mas podemos reforçar o Conselho das Comunidades Portuguesas, que nos representam, aumentando a votação para eleger os Conselheiros, garantindo que os 182 países em que estamos presentes, segundo dados associados ao Cartão do Cidadão, tenham um conselheiro que os represente, neste magno órgão nacional que procura ser uma voz ativa de todos nós.

Para quem tem a dupla nacionalidade, incentivo que também exerçam de forma plena a sua cidadania não portuguesa sendo eleitores e eleitos.

Enquanto não há novas eleições por aqui e por lá, desfrutem este magnífico Verão.



Philippe Fernandes
Presidente da AIID

| A I L D

João Pedro Vieira

Idade: 40

País de nascimento:

Portugal

Cidade onde reside:

Leça da Palmeira



Transmontano, Partner da Invest 351, com histórico como CFO em Grupos Multinacionais espanhóis. Licenciado e Mestre em Economia. Pós-graduado em Direção de Empresas e com MBA Internacional na Católica Porto Business School.



O que faz profissionalmente?

Neste momento sou Partner de uma empresa de consultoria de investimentos no sector imobiliário, em Portugal. Depois de vários anos com responsabilidades de direção financeira em Grupos Multinacionais, decidi empreender e criar uma empresa, juntamente com o meu sócio Rui Barreira, que vai de encontro a muitas das necessidades que existem no sector imobiliário. A Invest 351 nasceu para oferecer serviços integrados que resolvem problemas das pessoas e famílias, nacionais e internacionais.

Vamos fazer de conta que sou um potencial investidor. Como se processa o investimento? De que valores mínimos estamos a falar?

A resposta da Invest 351 é sempre customizada a cada cliente. A primeira análise é tentar entender quais são as suas motivações enquanto investidor. Tudo começa com uma reunião inicial, presencial ou por videochamada, onde recolheremos informações sobre tipologias de

imóveis em que pretende investir, orçamento disponível e rentabilidades esperadas. Recolhidos esses primeiros inputs, vamos trabalhar para encontrar e montar a melhor solução de investimento, ajustada às premissas da reunião de apresentação e o seu caso específico. Na Invest 351 tratamos de todos os trâmites e burocracias associados ao investimento. Não tem de se preocupar com nada. Temos uma oferta de serviço numa lógica de *one stop shop*, isto é, o investidor só tem de “falar” com a Invest 351 durante todo o processo do seu investimento. Se por acaso, o imóvel onde investiu precisa de obras de reabilitação, nós trataremos de o ajudar com projetos de arquitetura, obras e até decoração. Não existe orçamento mínimo. Essa é uma premissa exclusiva de cada investidor.

Agora é boa altura para investir? Porquê?

Sim, é uma boa altura para investir. Por um lado, atendendo às incertezas geopolíticas e macroeconómicas que vivemos, o sector imobiliário tem sido um refúgio para os investidores, por outro, há cada vez mais pessoas com



vontade de mudar de casa devido, por exemplo, ao teletrabalho. Todas estas conjunturas fazem com que haja elevada procura no sector. No caso concreto Português, entre o primeiro trimestre de 2021 e o mesmo período de 2022, registou-se uma subida no valor das habitações de 12,9%. Este é o aumento “mais expressivo” desde 2010. Por outro lado, a oferta está em mínimos dos últimos anos. Existem também incentivos fiscais consideráveis para investidores, tanto nacionais como internacionais. Por fim, salientar que o ativo imobiliário é sempre passível de ser rentabilizado, quer através da venda ou com recurso ao arrendamento.

De que países são oriundos os vossos principais clientes?

Neste momento, temos representatividade em 11 países fora de Portugal. Nos últimos tempos, temos tido maior incidência na procura por cidadãos norte americanos, franceses, brasileiros, espanhóis e belgas. A maioria procura investimentos, mas muitos deles entram em contacto pois têm vontade de viver em Portugal. Neste último caso, também cuidamos de todos os trâmites burocráticos associados.

Porque se tornou associado da AILD?

Sempre senti gosto pelo associativismo. Conhecer e aprender com novas pessoas é uma maneira de estar que sempre

cultivei. Vi nesta associação, a quem desde já parabenizo pelo excelente trabalho demonstrado até aqui, uma boa oportunidade para contribuir com a minha modesta parte, para que comunidade lusófona esteja mais conectada.

É o responsável pela área dos negócios & Empresas. Quais os objetivos desse departamento e como está a ser desenvolvida a rede?

O objetivo é aproveitar todas as redes de contactos que a AILD desenvolveu até aqui, tanto no âmbito cultural, social ou científico e aumentar essa massa crítica com mais empresas, ou profissionais em nome individual, numa lógica de apporte de mais valor à rede existente. O principal objetivo da área de Negócios e Empresas, será o de colocar em contacto esses associados, procurando que se ajudem mutuamente. Por exemplo, um associado da AILD no Brasil que queira montar uma fábrica em Portugal para produzir os seus produtos para o continente europeu, poderá contar com uma rede de associados em Portugal que o poderá ajudar.

Esta rede tem como principais elementos agregadores a lusodescendência e a língua Portuguesa. Acredito por isso que esta será tão mais forte quanto se consiga dotar de mais e de ainda melhores associados, potenciando as trocas comerciais de bens ou serviços. A área de Negócios e Empresas é uma plataforma de contactos entre pessoas que partilham a lusa



descendência. A confiança, que nos negócios é primordial, é um fator que mais facilmente se obtém quando partilhamos história e cultura com outros associados. É muito interessante, colocar em contacto luso descendentes do Sri Lanka e ou França, por exemplo. O objetivo é que todos ganhem com estas trocas comerciais.

Para quando o primeiro encontro de empresários?

A área de Negócios e Empresas da AILD terá intenção de marcar presença em todas as iniciativas de outras áreas da associação. Relativamente a um encontro fomentado pela área de Negócios e Empresas, o nosso objetivo é que em 2023 possamos encontrar um país onde seja possível juntar todos os associados de uma forma presencial. Estamos já a desenvolver contactos nesse sentido e acredito que teremos novidades muito em breve.

Juntar a cultura, ciência, ação social e as empresas, é importante para a criação de uma rede internacional de língua portuguesa?

Sem dúvida que a criação de uma rede internacional onde se fomente a nossa cultura é muito importante. Esta rede aproxima as pessoas e não deixa que a história se apague. Viven-

ciar é trocar ideias, conhecer pessoas e culturas, partilhar experiências. Parto do meu caso concreto, resultado da minha atividade profissional, muito do meu tempo é dedicado a atividades empresariais. Acredito que esta associação dar-me-á ferramentas e contactos para crescer também a nível cultural, científico e conseguir ajudar na ação social. Já conheci muitas pessoas desde que entrei para a AILD e com elas muitas experiências.

Uma mensagem para as Comunidades lusófonas.

Comunidade representa comunhão, neste caso, comunhão de pessoas que partilham a língua e cultura portuguesa. Estamos todos conectados. Deixo-vos parte de um poema de Fernando Pessoa, que representa, para mim, este projeto da área de Negócios e Empresas da AILD.

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

(...)

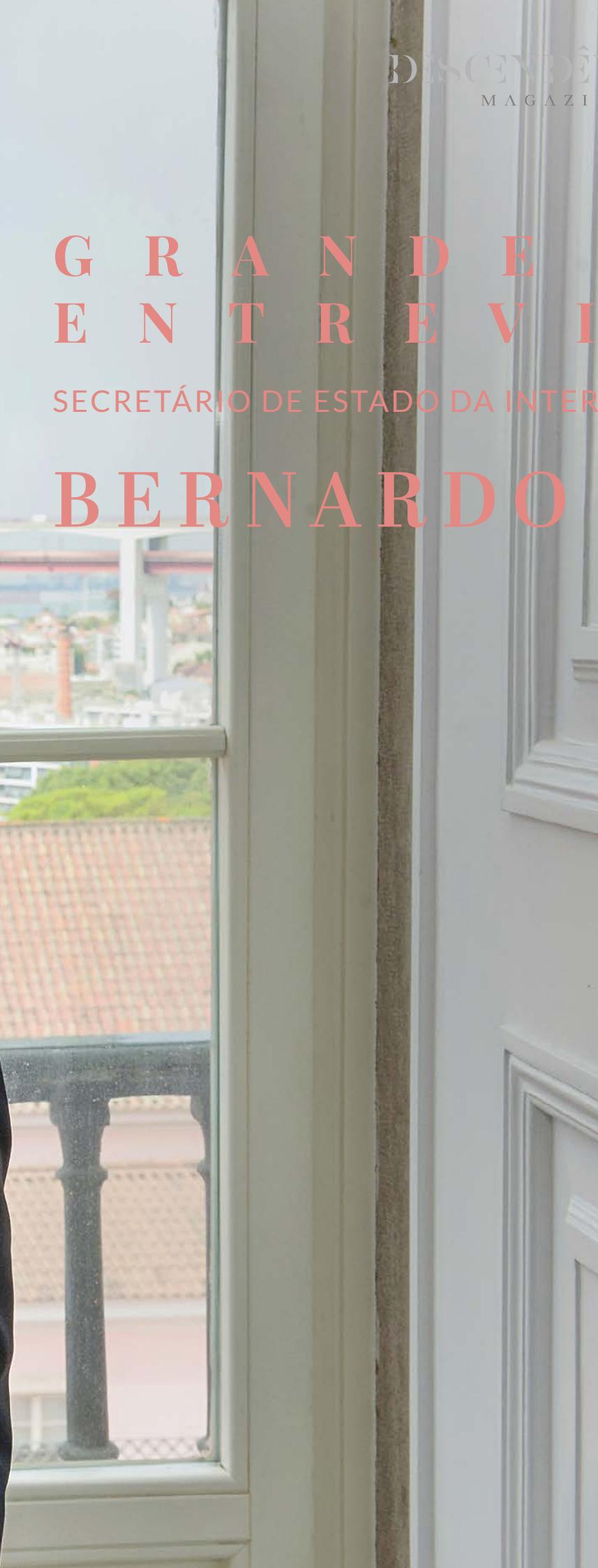
Conto convosco para conseguir concretizar o sonho que é conectar o maior número de lusodescendentes possíveis na AILD. Forte abraço!



GRANDE ENTREVISTA

SECRETÁRIO DE ESTADO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

BERNARDO IVO CRUZ



Bernardo Ivo Cruz é Doutor em Ciência Política pela Universidade de Bristol, no Reino Unido. Entre outras funções, foi Docente e Investigador nas Universidades britânicas de Bristol, Cardiff e Loughborough, Presidente da Câmara de Comércio Portuguesa no Reino Unido, Coordenador da Missão de Apoio à Reconciliação Nacional em Timor-Leste do Club de Madrid, Director da AICEP no Reino Unido e Irlanda e na América Latina e Subsecretário de Estado Adjunto do Ministro dos Negócios Estrangeiros. Desde 2022 integra o XXIII Governo Constitucional onde assume a pasta da Secretaria de Estado da Internacionalização. Foi com ele que a Descendências Magazine esteve à conversa para esta edição. Uma entrevista a não perder!



© Tiago Araújo

Assume desde o início de 2022 as funções de Secretário de Estado da Internacionalização. Dentro do Ministério dos Negócios Estrangeiros, quais as especificidades da Secretaria de Estado da Internacionalização?

Este gabinete cumpre uma função específica no quadro do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em colaboração es-

treita com outras áreas governativas, nomeadamente com a Economia e Mar; Ambiente e Ação Climática; Infraestruturas e Habitação; Trabalho, Solidariedade e Segurança Social; e com o gabinete do Secretário de Estado da Digitalização e da Modernização Administrativa. Apoiamos a internacionalização das empresas portuguesas e a atração de investimento estrangeiro estruturante para o nosso país.





Como analisa o mandato do seu antecessor?

O mandato do Prof. Brilhante Dias foi marcado pelo impacto da pandemia na atividade económica. O facto de as estatísticas mostrarem que Portugal já regressou a níveis pré-pandémicos é um sinal absolutamente significativo da resiliência do nosso tecido empresarial e da qualidade do trabalho desenvolvido pelo Governo anterior.

A Internacionalização surge como um vetor estratégico da política externa de Portugal. Dada a sua importância para o país, foi criado o Programa Internacionalizar 2030. Quer explicar-nos em que consiste?

O Programa Internacionalizar 2030 estabelece as prioridades no âmbito da internacionalização da economia nacional, da captação de investimento direto estrangeiro para Portugal e do fortalecimento do investimento direto português no estrangeiro. É um programa que tem como grande objetivo fomentar as exportações de bens e serviços, aumentar o número de exportadores e diversificar os mercados de exportação. Através dos seis eixos de intervenção está, assim, assente em pilares fundamentais para a sustentação do crescimento económico português e para a criação de riqueza.

Este programa pode ser considerado uma prioridade para esta legislatura?

Sim, é uma prioridade na medida em que queremos que as exportações portuguesas passem a barreira dos 50% do PIB no final da legislatura, sendo a expectativa de que seja mais do que superado! Daí a importância dos tais eixos de que falava, nos quais o programa assenta e que passam por aprofundar o conhecimento das tendências e oportunidades dos mercados, pela capacitação empresarial

através de ações de formação e da qualificação de recursos humanos para a internacionalização, pelo desenvolvimento da Marca Portugal, só para dar alguns exemplos.

Aumentar as exportações, captar investimento, e alargar a base exportadora, são três vetores fundamentais para o sucesso da internacionalização das empresas e da economia nacional. Que políticas concretas existem ou irão ser implementadas para potenciar estes três eixos?

A nossa prioridade estratégica para a internacionalização será privilegiar a promoção e o apoio às empresas que tenham projetos estruturados e robustos para a economia nacional, com base em critérios muito bem definidos. A saber, critérios de sustentabilidade ambiental e de respeito pelo planeta, respeito pelo desenvolvimento social, e fomento do crescimento económico assente numa governança corporativa em que se alicerce um trabalho digno. Estes princípios devem nortear o modelo de internacionalização da economia nacional, quer seja na captação de investimento direto estrangeiro para Portugal, no fortalecimento do investimento direto português no estrangeiro, ou na dinamização do setor exportador de bens e serviços. E, precisamente, e mais uma vez, o programa Internacionalizar 2030 será o nosso instrumento para operacionalizar estas prioridades.

Qual o impacto efetivo que a pandemia teve no processo de internacionalização?

A pandemia teve um efeito de retração nas exportações, tanto de bens como de serviços. Ainda assim, e como referi antes, no primeiro trimestre deste ano já tínhamos um valor de exportações superior ao registado antes da pandemia. A pandemia reforçou a aposta que já tínhamos iniciado no apoio



© Tiago Araújo

que a AICEP dá à capacitação das empresas para a utilização do e-commerce, para o fomento da sua digitalização, e para a diversificação da sua atuação nos Mercados Externos.

Quer dizer que considera que esta nova realidade obrigou a abrir horizontes para novos mercados, mas também a repensar novos modelos e estratégias de internacionalização?

Sem dúvida, sendo certo que há sempre novos desafios que se nos colocam. Neste momento, como se imagina, temos de enfrentar os efeitos trazidos pela guerra na Ucrânia e pela inflação. Nessa medida, é importante que se aposte nas empresas e nos projetos que se enquadram nas áreas estratégicas para o desenvolvimento da economia portuguesa que sejam diferenciadores no quadro internacional global, nomeadamente na transição digital, na transição energética, na economia verde, na economia azul e na promoção da economia circular. Importa a Portugal intensificar os esforços nos setores em que o nosso país pode apresentar

vantagens competitivas, desde logo no atual contexto de crise energética na Europa que decorre do conflito em território ucraniano.

Presentemente, quais são os mercados com maior potencial de crescimento e qual a importância que os Países Lusófonos têm atualmente para a política de internacionalização de Portugal?

Os mercados da Europa e os países com os quais temos acordos de comércio livre, como o Canadá, a Coreia do Sul ou o Japão, continuam a ser os mercados em que teremos maior enfoque. Sem esquecer, claro, a CPLP, onde as empresas portuguesas têm uma entrada natural, desde logo, pelos laços históricos e culturais existentes. Os mercados dos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa são um importante espaço económico e, por isso mesmo, temos trabalhado com afinco com vista à constituição de um regime de mobilidade e circulação própria. Recentemente foi criado o Fórum das Agências de Investimento e



© Tiago Araújo

de Comércio Externo da CPLP que será, seguramente, uma nova forma de estimular as trocas comerciais e a captação de investimento, essenciais para o desenvolvimento das economias dos países da Comunidade. A dinamização da cooperação económica no espaço da CPLP é também uma dimensão importante no âmbito do Programa Internacionalizar 2030 que se pretende desenvolver.

A internacionalização tem uma importância crescente para o ensino superior, isso mesmo sinalizou recentemente. Devido à globalização, as instituições de ensino superior estão a atuar num ambiente crescentemente competitivo. Neste âmbito, recentemente, sinalizou a relevância da internacionalização das instituições do ensino superior dos centros de investigação, nomeadamente através do fomento de oportunidades de colaboração e intercâmbio de estudantes, professores e investigadores com universidades americanas. Quais os desafios que se colocam hoje à internacionalização do Ensino Superior?

O conhecimento científico desenvolve-se num ambiente de colaboração entre os grandes centros de saber mundiais e só assim foi possível, por exemplo, desenvolvemos tão rapidamente as vacinas para combater a pandemia de COVID-19. Ora, as Universidades portuguesas integram esse movimento de investigação partilhada e já se relacionam com centros de excelência no mundo inteiro, o que importa fomentar cada vez mais. Por outro lado, os grandes desafios das alterações climáticas e da digitalização obrigam a uma interligação cada vez mais profunda entre a ciência e a economia.

Quer isto dizer que as instituições de ensino superior atuam, hoje em dia, num ambiente muito competitivo, obrigando-as a intervir em contextos socioculturais e político-económicos internacionais muito díspares? Acredita que este ambiente tem gerado um crescente interesse no desenvolvimento de estratégias diferenciadas de internacionalização?



© Tiago Araújo

Sim, acredito que sim. Como referia, a ciência diz-nos o que podemos e não podemos fazer, e como fazê-lo, e esse conhecimento científico tem de ser transformado em novas respostas tecnológicas, novos processos, novos produtos, novos serviços. Ou seja, a colaboração entre a ciência e as empresas é fundamental. A investigação científica e o desenvolvimento de soluções aplicadas reforçam a necessidade de um relacionamento muito próximo entre os centros de saber e de excelência portugueses e os seus conterrâneos internacionais.

No setor tecnológico, são cada vez mais as empresas internacionais que têm interesse em trabalhar com empresas portuguesas e com Portugal. E isso está, neste momento, no radar e no centro das atenções das empresas americanas de alta tecnologia, é essa a noção que tem?

Isso mesmo. Portugal é visto como um país competitivo, com recursos humanos de qualidade. Somos o 3.º país da OCDE com mais engenheiros e somos o 2.º país da OCDE mais aberto ao Investimento Direto Estrangeiro. Somos, portanto, um país aberto à inovação e ao investimento e



© Tiago Araújo

com um ecossistema de start-ups muito dinâmico. O interesse crescente das empresas tecnológicas mundiais é exemplo disso mesmo.

Mas quais exatamente as principais vantagens e potencialidades que a nossa economia tem para despertar essa atenção das empresas tecnológicas americanas?

Portugal já produziu seis unicórnios e isso também nos colocou no mapa das tecnológicas americanas. Além disso, o nosso país é visto como um país seguro (estamos em 4.^º lugar, em mais de 160 países do mundo, no Global Peace Index de 2021), com elevada qualidade de vida e com preocupações de conciliação trabalho/família/vida pessoal. E, cada vez mais, Portugal afirma-se pelas suas preocupações ambientais (somos o 5.^º país da Europa com a maior utilização de energias renováveis e estamos em 9.^º lugar no Planet & Climate Index Ranking, a nível mundial).

Fala-se também da questão das ligações...

Sim, ia mencionar isso mesmo. Acresce de facto que, neste momento, Portugal está ligado a todos os continentes através de cabos submarinos, sendo a porta de entrada dos continentes americano e africano para a Europa em termos de interconexões digitais. Isso significa ligações de alta qualidade, estáveis e seguras, o que constitui um fator de atração para centros de dados e empresas da área digital. Refira-se, por exemplo, a centralidade que decorre do facto de Portugal ter recebido o cabo submarino EllaLink, que permitiu interconectar o continente americano com a costa portuguesa e, através de Portugal, a Europa à América do Sul. Assim como o cabo Equiano, que ligará a Europa a África através de Portugal, e o cabo ‘To Africa’ que, no próximo ano, vai assegurar a ligação da Europa à Ásia.



© Tiago Araújo

Recentemente notou que o mercado português e o mercado ibérico são ambos boas opções para as empresas se instalarem. De que forma o Governo pretende atenuar os “custos de contexto” para que Portugal esteja cada vez mais equilibrado em comparação com Espanha, por exemplo?

A competição pelos investimentos diretos estrangeiros é, naturalmente “feroz” e, como disse antes, Portugal tem excelentes condições e argumentos para atrair IDE [investimento direto estrangeiro] estruturante, como demonstra o crescente número de empresas modernas que escolhem o nosso país para se instalarem.

Mas todos os países procuram garantir as melhores condições para que os melhores projetos se instalem nos seus territórios, pelo que temos de nos manter sempre atentos, com estratégia e competitividade.

Uma das estratégias poderá passar pela promoção da ‘Marca Portugal’?

Claramente. O desenvolvimento da Marca Portugal vai permitir a implementação de medidas que promovam o incremento da imagem do nosso país, dos seus produtos e serviços no estrangeiro, dando visibilidade à competitividade



© Tiago Araújo

nacional. A ideia é reforçar as vantagens do país e promover uma percepção internacional assente numa visão moderna e atualizada de Portugal, posicionando-nos como um país competitivo, com recursos humanos de qualidade e aberto à inovação. Efetivamente a Marca Portugal quer mostrar um país que é sustentável e que aposta em áreas como a da energia verde, com novas soluções, como o que se está a fazer em Sines, garantindo a existência de alternativas para a segurança energética e para a diversificação das fontes de fornecimento de energia a toda a Europa.

Até ao final de 2020, apenas 6,5 mil empresas beneficiaram de apoios à internacionalização no âmbito do Portugal 2020, o que significa que cerca 1% das PME portuguesas beneficiaram deste tipo de apoios. De que forma o Governo pretende apoiar a internacionalização das empresas portuguesas que queiram investir e crescer no mercado estrangeiro?

Como disse anteriormente, a economia portuguesa mostrou uma grande resiliência ao impacto da pandemia de COVID-19 tendo já recuperado para os níveis de 2019. Os setores de exportação de bens e serviços foram particularmente importantes nesse processo e importa reforçar a presença das empresas portuguesas no estrangeiro. Para tanto estamos a trabalhar de forma integrada com as confederações, associações e empresas, olhando para todo o percurso da internacionalização, incluindo a formação profissional das pessoas, a formação sobre mercados, o apoio aos processos de adaptação das novas realidades internacionais e, também, através de instrumentos de financiamento.

Atualmente, Portugal é o maior investidor estrangeiro do estado do Ceará, no nordeste brasileiro. Aliás, o próximo encontro anual das Câmaras Portuguesas, em 2023, será em Santa Catarina, no Brasil. Será mais um momento para estreitar relações económicas entre os dois países?



© Tiago Araújo

Indubitavelmente! Portugal é hoje um mercado muito relevante para as empresas brasileiras. Trata-se de um mercado que já não é visto, como dantes, como um pequeno mercado de 10 milhões de consumidores. Apresenta-se, isso sim, como uma porta de entrada para um mercado comunitário de quase 450 milhões de europeus de rendimento médio-alto/alto. Nesse sentido, sim, Portugal pode ser a ponte entre os dois grandes blocos económicos que são a América Latina e a Europa.

Podemos então afirmar que esta relação permitirá a Portugal afirmar-se, cada vez mais, como uma importante ponte entre a Europa e a América Latina?

As vantagens competitivas do mercado português estão, sem sombra de dúvidas, bem identificadas e importa reforçá-las junto dos empresários brasileiros: a localização estratégica; a posição favorável nos rankings internacionais de clima de negócios; a segurança e o quadro de estabilidade política e social; o capital humano qualificado e a capacidade de captação de talentos; o idioma comum; e a cooperação no domínio da cultura e da língua portuguesa, enquanto língua de negócios no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Refira-se igualmente o quadro legal que contempla um conjunto alargado de acordos de cooperação bilateral que colocam Portugal e o Brasil num patamar de cooperação económica único nas relações entre a Europa e a América Latina: acordos para evitar a dupla tributação, para a promoção e proteção recíprocas de investimentos, para a cooperação económica, industrial e do turismo, para a facilitação da circulação de pessoas, entre outros.

Como sintetizaria o que deve ser transmitido sobre o mercado português ao mercado brasileiro?

Importa, reitero, sinalizar junto dos empresários brasileiros as oportunidades de investimento em Portugal, designadamente nos setores estratégicos para a economia portuguesa, nos quais se incluem a economia azul, o hidrogénio verde, o mundo digital, o setor da saúde e o da aeronáutica, entre outros. Importa relevar e apoiar o papel das 18 Câmaras de Comércio portuguesas existentes no Brasil, no apoio à internacionalização das empresas e o seu trabalho na promoção da imagem de Portugal. Isto para ser, efetivamente, muito sintético...



© Tiago Araújo

O embaixador da China em Lisboa, Zhao Bentang, disse recentemente que as empresas chinesas ou portuguesas de capitais chineses estão a enfrentar problemas em Portugal, nomeadamente longas esperas por procedimentos burocráticos. O que está a ser feito no sentido de reverter a situação relatada?

O diálogo que mantemos de forma contínua com as autoridades chinesas – quer através da nossa Embaixada em Pequim, quer com a Embaixada da China em Portugal – é fundamental para resolver vicissitudes, questões e desafios que as empresas portuguesas enfrentam na China. Estamos a trabalhar para criar, sempre, as melhores condições possíveis para que possam singrar no mercado chinês.

Uma das soluções poderá passar por mudanças no Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa?

É um instrumento com potencial. Temos defendido a necessidade de tornar o fundo mais operacional e de aumentar o seu nível de execução. De resto, como o próprio Ministro João Gomes Cravinho já referiu, com um fundo de cooperação eficaz e eficiente, com regras de gestão mais flexíveis, ficaremos mais bem colocados para alcançar resultados concretos para as populações de língua portuguesa e para reforçar as relações com a China.

Apesar do impacto da pandemia de Covid-19, o comércio bilateral entre os dois países cresceu mais de dois mil milhões de dólares (1,86 mil milhões de euros) em comparação com 2019, disse Zhao Bentang. O investimento acumulado chinês em Portugal atingiu 10,6 mil milhões de euros, enquanto o investimento português na China ultrapassou 40 milhões de euros. Apesar dos números serem animadores, considera que ainda é necessário mais apoio da China para as empresas portuguesas interessadas em explorar o mercado chinês e melhores condições para o seu crescimento?



© Tiago Araújo

As trocas comerciais têm de facto aumentado, mas continuamos a querer alcançar um cada vez maior equilíbrio da balança comercial. Por isso, vamos prosseguir com o trabalho junto das autoridades chinesas para melhorar, cada vez mais, as condições de acesso ao mercado chinês e, desta forma, captar o interesse das nossas empresas nesse mercado.

Muitas vezes é dito que as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo são um importante ativo para Portugal e para os seus territórios, além de verdadeiros promotores e embaixadores de Portugal no mundo. Concorda com esta afirmação?

Sem hesitar! Temos hoje mais de 5 milhões de Portugueses residentes no estrangeiro, sendo, muitos deles, verdadeiros embaixadores da marca Portugal. De facto, as comunidades portuguesas constituem um potencial estratégico para a economia portuguesa. Desde logo, pelo facto de as

remessas dos nossos emigrantes representarem 1,7% do PIB (mais de 3 mil milhões de euros), mas sobretudo pela importância do seu investimento em Portugal (direto e através da diáspora) e do seu contributo para as exportações e para a internacionalização das empresas nacionais através da rede de portugueses e lusodescendentes pelo mundo, nomeadamente através do consumo de produtos portugueses, muitas vezes através de cadeias de comercialização próprias.

Como avalia a importância das comunidades portuguesas no investimento nacional e na projeção de Portugal no mundo?

As comunidades portuguesas são importantes ativos na atração de investimento externo para Portugal. A nossa projeção no mundo, enquanto país moderno e inovador, passa também pelos portugueses que estão em lugares relevantes nos países onde vivem e que demonstram, pelo

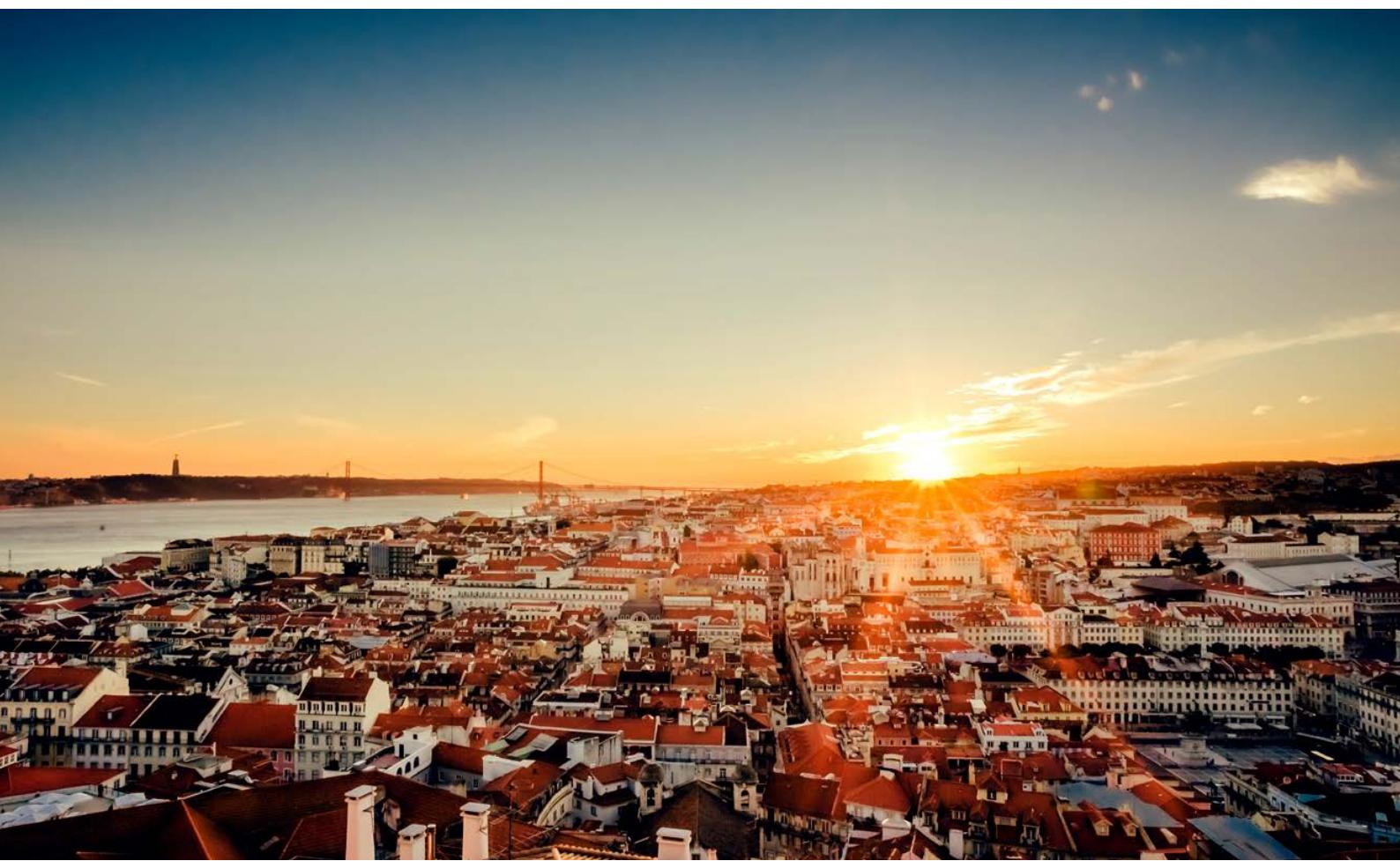


© Tiago Araújo

exemplo, tudo o que somos capazes. Temos de conseguir identificar estes portugueses e fazer deles “embaixadores” da nossa capacidade de executar. Estes mesmos portugueses podem ser excelentes catalisadores de oportunidades de desenvolvimento e de negócio que correspondam à realidade da nossa economia, que se quer inovadora, viva e dinâmica. Creio, por outro lado, que fica demonstrado – até por tudo o que aqui foi destacado – que os emigrantes portugueses sempre investiram e investem em território nacional, em particular nas suas comunidades de origem. São, por isso mesmo, também importantes ativos na atração de investimento externo e de turismo para Portugal, o que esperamos que possa vir a ser ainda mais potenciado pelo Programa Nacional de Apoio ao Investimento da Diáspora, criado pelo Governo em 2020, e que, muito em concreto, o meu colega Paulo Cafôfo está empenhado em prosseguir e robustecer.

Que mensagem gostaria de deixar a todos os nossos leitores?

Como disse, um aspecto fundamental da internacionalização económica portuguesa e da captação de investimento estruturante para o nosso país é o relacionamento próximo com as Comunidades Portuguesas. Conhecedores da nossa realidade e dos países onde vivem, têm um papel de verdadeiros embaixadores económicos de Portugal pelo mundo. Quer seja através do Gabinete de Apoio ao Investidor da Diáspora, quer seja através da rede AICEP, espalhada pelo mundo, ou ainda da nossa rede diplomática. Gostaria de convidar as Portuguesas e os Portugueses espalhados pelas sete partidas do Mundo a contribuírem para o crescimento económico e o desenvolvimento social do nosso país.



| MIGRAÇÕES

Antes da Pandemia Portugal era o novo centro de investimento

É curioso, ao estudarmos a História de Portugal desde quando ainda não éramos sequer uma nação, analisando criticamente os desenvolvimentos mais recentes na sociedade, na política e na economia portuguesa, e verificarmos como fomos flutuando entre extremos opostos ao longo dos séculos. Especial-

mente no que diz respeito ao lugar que ocupamos no mundo e à imagem que passamos lá para fora.

No auge da época dos Descobrimentos, muito à semelhança de hoje, ouviam-se várias línguas a serem faladas nas ruas das maiores cidades Lusas. Lisboa era alvo de grandes e novos investimen-

tos a nível dos comércios, das artes e de grandes empreendimentos navais. Mesmo sendo um país pequeno, de quem muito poucos tinham ouvido falar até então, de súbito, Portugal tornaria-se famoso e atrativo para ingleses, espanhóis, franceses, italianos e holandeses trazerem para cá as riquezas

e aqui investirem os seus patrimónios em empresas de diversas géneses.

Meio milénio passado, novamente voltamos a ouvir inúmeras línguas a serem faladas pelas ruas de Portugal. E por quê? O que terá cativado os investidores estrangeiros? O que nos elevou uma vez mais a uma visibilidade e reconhecida fama que inspirou a confiança de quem tem fundos, ideias e património, para investir no nosso país?

Com um crescimento mais notório a ter início no segundo semestre de 2016 e a alcançar valores percentuais bastante significativos entre 2018 e 2019, os investimentos estrangeiros no nosso país têm sido variados. Desde infraestruturas, passando por investigação científica e tecnologias da informação, até 1.2M de euros apenas em resorts e turismo de luxo e quase 763M em imóveis, as áreas e o volume de investimento que o cidadão estrangeiro tem feito em Portugal são notórias.

Terão sido diversos os fatores emocionais e sociais que fizeram os estrangeiros querer apostar no nosso país. O clima, a gastronomia, a cultura e a se-

gurança, foram os aspetos mais enumerados. Contudo, a maioria dos investidores olhou para outras questões. Por exemplo o facto de estarmos no TOP 3 de países mais seguros do mundo, o facto de estarmos em 22º lugar no Quality of Life Index da Numbeo e de sermos considerados pela agência Transparency International como um dos países do mundo com maior grau de transparência política e social, colocando-nos na 30ª posição num rank onde constam 180 países.

Portugal recuperou uma interessante competitividade económica, pela qual deverá continuar a lutar após a pandemia da COVID-19, e iniciou uma profunda diversificação das suas exportações (setoriais e geográficas). Os principais pontos fortes que os investidores estrangeiros salientam em Portugal foram os seguintes:

- Infraestruturas modernas e de qualidade;
- Uma força de trabalho qualificada, muitas vezes multilíngue, a um custo significativamente menor comparando a outros países da Europa Ocidental;

• Um sistema que promove investimentos em inovação, que permitiu ao país atrair novos Integrated Development Environments (IDE), essenciais para o seu desenvolvimento.

• As nossas relações estratégicas internacionais com a Europa, África e América, para além de sermos membros da UE, permitem a Portugal manter laços estreitos com as ex-colónias como Brasil, Moçambique, Macau e Angola, e podem servir de porta de entrada para outros mercados da lusofonia.

Somos a nova porta para a Europa. Em pouco mais de duas horas atravessamos (em condições normais) a fronteira para Espanha, em duas horas de voo, por preços acessíveis, estamos em Londres ou em Paris.

Seja um cidadão estrangeiro, seja um português há muito longe de casa, ou seja, um luso-descendente para quem Portugal não passe de uma ténue memória, a verdade é que acreditamos que, apesar da conjuntura mundial atual, que se afigura bastante incerta, Portugal poderá continuar a ser uma boa aposta para os seus investimentos!



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória

| CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Os desafios na promoção da cultura portuguesa na Austrália



Um dos desafios que todos os países do mundo enfrentam é de como manter o vínculo com os seus cidadãos que migram para outros países e, mais importante ainda, como recriar e transmitir um pouco da sua cultura e idioma no novo país em que agora residem. Este é um desafio enfrentado pelas comunidades portuguesas em todo o mundo, e é uma questão que o Conselho das Comunidades Portuguesas (CCP) tem como um dos seus principais focos.

No final de 2016, assumi a função de Conselheira do CCP para a Austrália e Nova Zelândia, ao lado da minha colega Sílvia Renda. O CCP é um órgão consultivo do Governo Português e representa a voz das comunidades portuguesas em todo o mundo. Atualmente, são 65 conselheiros eleitos, dos quais 15

são mulheres e cerca de 8-10 são portugueses que nasceram no estrangeiro. Um dos meus objetivos ao integrar o CCP era aumentar a participação e visibilidade das mulheres dentro do CCP. O outro era a promoção do perfil dos portugueses que nasceram no estrangeiro para que estes possam ser reconhecidos como uma parte importante das comunidades portuguesas em todo o mundo. Ambos os objetivos, a meu ver, são valiosos embaixadores de Portugal, da nossa cultura e língua. Apesar de ter nascido e vivido toda a minha vida na Austrália, a cultura, as tradições e o património português fazem parte de quem sou e sempre farão parte integrante da minha vida. Recordando a minha juventude, tenho tantas memórias maravilhosas do tempo que passei nos clubes portugueses

em Sidney, dançando no grupo folclórico e ouvindo música portuguesa. Fiz grandes amigos durante esses anos, muitos dos quais, ainda mantendo o contato. Quando eu era jovem e frequentava os clubes portugueses, as multidões eram principalmente de pessoas da minha idade, um pouco mais velhas e um pouco mais novas, e os grupos de dança estavam cheios de crianças ansiosas por aprender e se envolver. Infelizmente, hoje, isso não acontece. Preocupa-me porque guardo com carinho as memórias do meu crescimento na comunidade portuguesa. Preocupa-me porque creio ser uma parte importante da história dos portugueses australianos. Preocupa-me porque considero fundamental que a cultura portuguesa se mantenha para as gerações futuras, inclusive para os meus filhos.

Então por que é que os jovens de hoje não frequentam os eventos portugueses nos clubes ou, de uma forma mais geral, não participam na cultura portuguesa? Como sempre, para percebermos como chegámos à atualidade, temos de considerar a nossa história e a evolução da comunidade portuguesa na Austrália.

Embora seja contestado que os portugueses foram os primeiros a descobrir a Austrália, por volta de 1521-1524, o primeiro migrante português registrado na Austrália chegou a Sidney em 1824. A maior migração de portugueses para a Austrália, entretanto, foi entre 1975 e 1990. Os portugueses estabeleceram-se em toda a Austrália, mas hoje as maiores populações portuguesas estão em Sidney (aproximadamente 40.000), Melbourne (aproximadamente 16.000) e Perth (aproximadamente 10.000).

Um dos maiores desafios dos portugueses recém-chegados à Austrália foi a adaptação a uma nova língua e cultura. Estando tão distantes da família e do país de origem, eles rapidamente sentiram a necessidade de ter um pouco de Portugal na Austrália. Pelo que, criaram os clubes portugueses, os grupos de danças folclóricas, as equipes de futebol, os restaurantes e as confeitarias portuguesas e as escolas que lecionavam língua portuguesa. São estas organizações que, há tantos anos, têm sido o farol e o ponto central da comunidade portuguesa na Austrália.

Tenho a maior admiração por todos os portugueses que vieram para a Austrália - um país que não só está longe, mas também tem uma língua e cultura completamente diferentes de Portugal. Fico ainda mais admirada e grata pela cora-

gem, tenacidade e dedicação na criação de clubes, escolas e grupos folclóricos portugueses na Austrália, para manter o património e as tradições que amam e valorizam. Sem esse trabalho incansável e a dedicação de quem trabalhou e participou nestes clubes e organizações ao longo dos anos, a comunidade portuguesa na Austrália não teria a maravilhosa história que tem hoje. Estes clubes e organizações foram um santuário maravilhoso para muitos portugueses, onde puderam relembrar e celebrar as suas tradições, bem como falar a sua própria língua. Também proporcionaram um local seguro onde puderam apresentar a cultura portuguesa aos seus filhos.

Com o passar dos anos, no entanto, novas gerações de portugueses nasceram na Austrália, e a primeira geração agora tem os seus próprios filhos. De salientar que, desde o influxo de portugueses nos anos 70-90, os portugueses continuaram a estabelecer-se na Austrália e, todos os anos, vemos novos portugueses a chegar.

O perfil da comunidade portuguesa na Austrália mudou significativamente nos últimos 20 anos, assim como as suas necessidades. Com o envelhecimento da população de portugueses que chegaram nos anos 60, o aumento do número de portugueses nascidos na Austrália e o fluxo de migrantes portugueses recém-chegados, não surpreende que as necessidades tenham mudado. Chegamos a um momento crítico da nossa história, na Austrália, em que temos de fazer uma pausa e reconsiderar a nossa abordagem na promoção e celebração da cultura portuguesa na Austrália.

Como uma orgulhosa portuguesa nascida na Austrália e que aprecia tudo sobre a cultura, música, língua e comida portuguesa, quis saber qual a relação dos portugueses nascidos na Austrália com as tradições portuguesas. Realizei um inquérito a esse público (e aqueles que vieram para a Austrália ainda muito jovens), colocando as seguintes questões:

- a) consideram-se portugueses?
- b) participaram em eventos/crescimento dos clubes portugueses na juventude e, em caso afirmativo, gostaram?
- c) é importante ensinarem a história e a cultura portuguesas aos seus filhos?
- d) que tipo de eventos e associações/clubes os motivariam a estar mais envolvidos na comunidade portuguesa de hoje?
- e) sentem necessidade de frequentar um determinado local para celebrar a cultura portuguesa?

Sem grandes surpresas, cada inquirido confirmou de forma contundente que se identificam como portugueses e com orgulho. Todos frequentavam os clubes portugueses enquanto cresciam, alguns dançavam em grupos de danças folclóricas, outros jogavam futebol e todos gostavam de estar com gente da sua idade e vivenciar a cultura portuguesa. É maravilhoso saber que a ligação com Portugal e a cultura portuguesa tem sido transmitida de geração em geração.

Quando questionados sobre o que queriam compartilhar com os seus próprios filhos sobre ser português, eles sentem que é importante compartilhar a história, língua, cultura e comida portuguesas com seus filhos, para que eles possam entender o que é ser português, conhecer a riqueza da história do povo português. Curiosamente, quando questionados sobre o que os motivaria a estarem mais envolvidos na comunidade portuguesa e sobre a necessidade de frequentarem um determinado local para celebrar a cultura portuguesa, muitos disseram que não sentiam necessidade de frequentar um clube português local para serem portugueses ou para vivenciarem a cultura portuguesa. Ser português faz parte de quem são, da sua história e gostam da comida e música portuguesa e de falar português em casa, com amigos e família. No entanto, disseram que teriam mais probabilidade de participar em eventos portugueses se estes fossem mais orientados para a família, ou seja, mais inclusivos (incluindo os seus parceiros e filhos que não falam português) e se tivessem uma abordagem mais progressiva e moderna. Muitos eventos portugueses de hoje ainda estão centrados em bailes tradicionais. Eles sugerem noites de trívia, mercados tradicionais e outros eventos que incluem o estilo de vida australiano.

Foi importante para mim obter esta informação diretamente dos lusodescendentes australianos, uma vez que me tranquilizou saber que esta percentagem da nossa comunidade continua a sentir uma ligação a Portugal e a querer vivenciar a nossa cultura, embora de uma forma diferente como até agora. A questão agora é: como mudamos e como evoluímos como comunidade para desenvolver uma estratégia cultural que responda às necessidades da comunidade atual?

Embora não tenha todas as respostas, acredito que todos os membros da nossa comunidade - os primeiros portugueses emigrantes, os portugueses recém-chegados, os portugueses nascidos na Austrália - devem trabalhar juntos para tornar possível uma nova comunidade australiana/portuguesa. Isso exigirá, não só que os membros ativos da comunidade existente criem um espaço seguro e acolhedor que permita aos portugueses nascidos na Austrália trazerem novas ideias e formas para celebrar a cultura portuguesa, mas igualmente, o ónus sobre os Portugueses nascidos na Austrália para assumir a liderança e delinear o caminho de como veem a cultura portuguesa a ser celebrada na Austrália. Como comunidade, precisamos estar preparados para desafios e acolher os jovens nos comitês, promover a representação feminina mais igualitária e aceitar essas mudanças. Obviamente, nem é preciso dizer que o Governo português tem de desempenhar um papel importante no apoio às comunidades no estrangeiro para se manterem relevantes num mundo em evolução.

Recentemente estabeleceram-se grupos, como a Associação de Mulheres Portuguesas na Austrália (PAWA), que estão a fazer isso mesmo, reunindo gerações de portugueses para partilha da língua, cultura, música e comida da nossa grande nação. Os comitês são compostos por portuguesas que nasceram em Portugal (gerações mais seniores), assim como, mulheres portuguesas mais jovens nascidas na Austrália. Estas trabalham juntas na criação de eventos sociais e educacionais para a nossa comunidade portuguesa australiana. A PAWA tem contribuído para a promoção de todos os portugueses nascidos na Austrália, especialmente as mulheres de uma forma geral, para serem líderes mais visíveis na nossa comunidade, o que foi muito bem recebido. A PAWA também serve como ponto de ligação entre todas as gerações de portuguesas na Austrália.

Só se trabalharmos juntos é que seremos capazes de compreender devidamente a nossa comunidade, que está em constante mudança, e assim consolidaremos o futuro da nossa herança, tradições e língua portuguesa na Austrália.



Melissa da Silva
Conselho das Comunidades Portuguesas

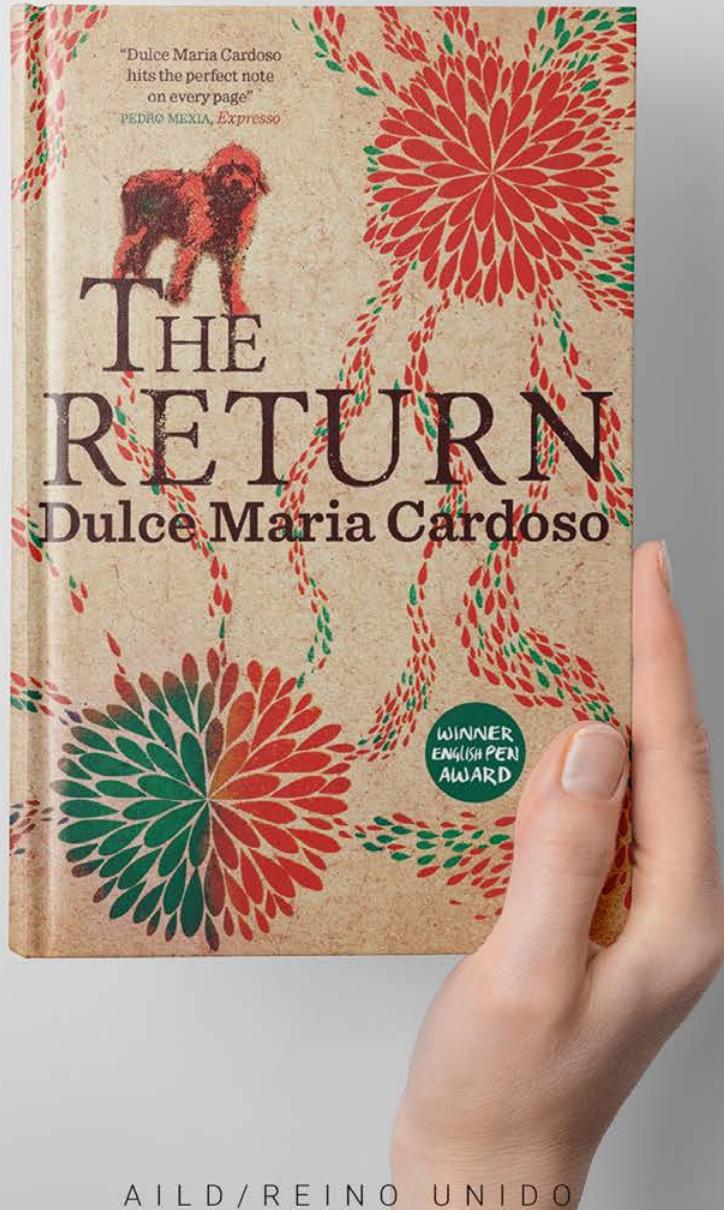
in **PORTUGUESE**
TRANSLATION

4th SESSION

THE RETURN, by Dulce Maria Cardoso
Translated by Ángel Gurría-Quintana

Both author and translator will join us for our
second meeting at PinT Book Club.

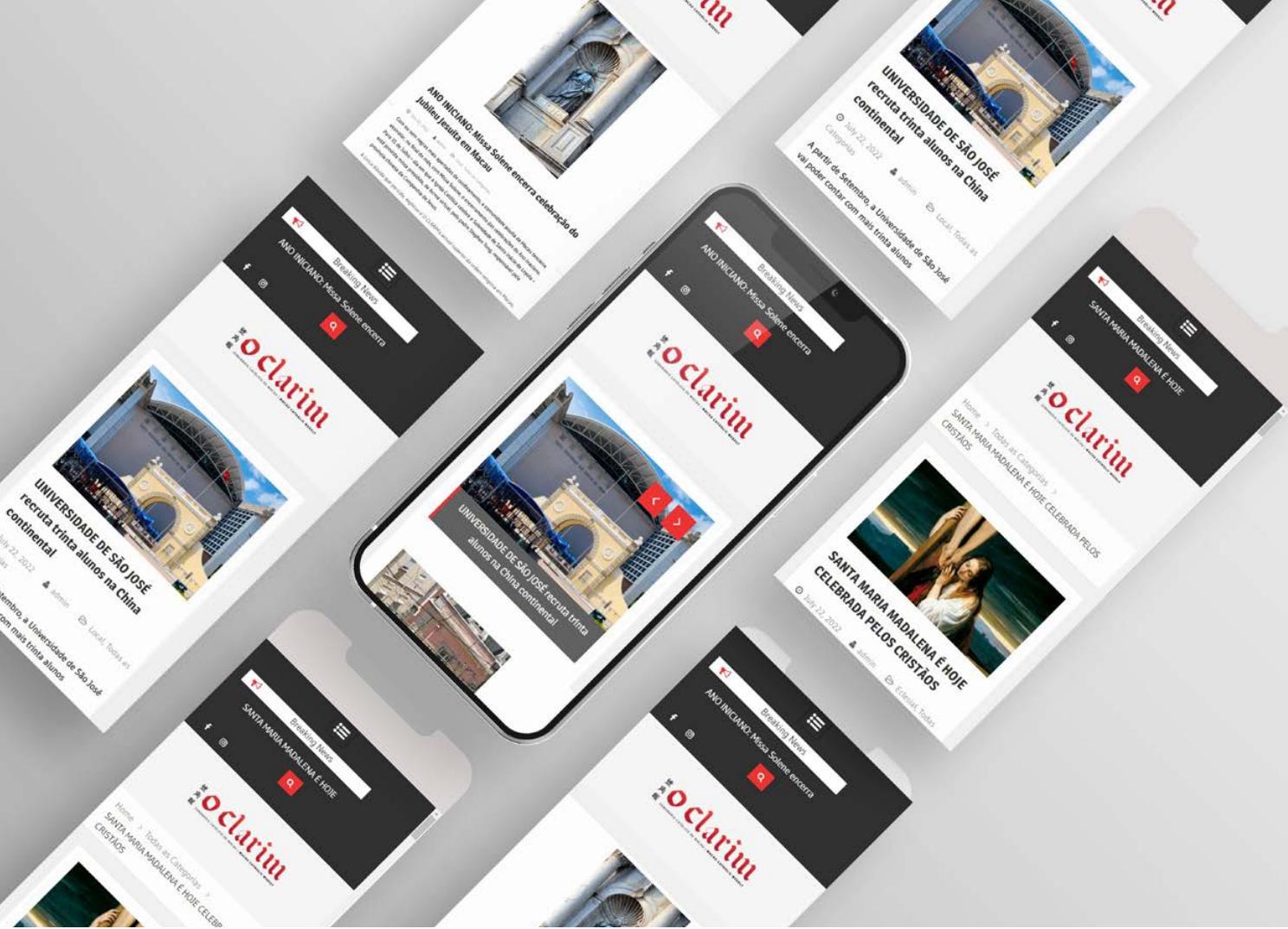
Wednesday, 21 September 2022
19.00 h (BST)



| OS MEDIA DE LÍNGUA PORTUGUESA PELO MUNDO
Jornal O Clarim
Macau



Jornal semanal
Distribuição em Macau,
sendo enviado em papel
e formato pdf para
vários países
Fundado à 74 anos



O jornal O Clarim, semanário fundado em 1948, é hoje uma referência em Macau. Como nasceu este projeto?

O Clarim foi oficialmente fundado a 1 de Maio de 1948, tendo o primeiro número saído da prensa no dia seguinte, a 2 de Maio. O Clarim é resultado da evolução de uma revista com o mesmo nome, criada em 1943, ano em que Macau se encontrava completamente isolado do mundo devido à Guerra do Pacífico. A título de curiosidade, a revista que antecedeu o jornal foi projetada pelos então alunos da disciplina de Religião e Moral do antigo Liceu de Macau, com a coordenação do seu professor, o Padre Manuel Teixeira. Já o jornal surgiu da boa vontade dos padres Fernando Leal Maciel e Júlio Augusto Massa, que desde o primeiro minuto se mostraram recetivos ao desafio que lhes foi lançado pela juventude católica. Sob o lema “Por Deus e Pela Pátria”, com cabeçalho do pintor russo George Smirnoff e visado pela Censura do Estado Novo, O Clarim passou, assim, a fazer parte do quotidiano de Macau até aos dias de hoje. Já lá vão 74 anos...

Quais são as principais temáticas tratadas na edição impressa e na online? Quais os principais traços que as distinguem?

O Clarim é o jornal de língua portuguesa mais antigo de Macau em atividade. Não podemos confirmar, mas segundo alguns investigadores é o segundo mais antigo em circulação, depois do jornal Va Kio, este de língua chinesa. Este dado explica a evolução da linha editorial d'O Clarim desde a sua fundação até aos dias de hoje. Começou por ser um jornal com uma vertente política muito acentuada, evoluindo aos longo dos tempos para uma linha mais confessional, por assim dizer. Hoje dedica-se quase exclusivamente às atividades da Diocese de Macau, das suas paróquias e entidades a ela afetas, bem como da Igreja Católica em todo o mundo, com especial incidência nos “mundos” português e chinês. Atualmente, O Clarim é impresso em português e chinês, e publicado online em inglês. Quem aceder ao nosso site www.oclarim.com.mo encontra as três edições. Embora a linha editorial seja igual para as três línguas, os conteúdos diferem consoante os públicos-alvo. Mesmo as matérias que são publicadas nas três línguas são muitas vezes abordadas sob diferentes perspetivas. Estamos a falar de culturas diferentes e o que pode interessar mais para uns, pode não interessar tanto para outros, e vice-versa. Respondendo à pergunta, não há nada que distinga as edições impressa e online. Na realidade, o que as distingue é a língua em que as notícias são publicadas, o que influi no modo como as matérias são tratadas.



<https://www.oclarim.com.mo>

Acha que o jornal impresso vai acabar nos próximos anos? O digital já é sustentável?

Há mais de vinte anos que se ouve que os jornais impressos têm os dias contados. A realidade é que publicações de referência, como o Diário de Notícias, em Portugal, extinguiram a edição impressa e centraram-se apenas no online, vindo depois a desistir dessa opção. Mesmo nos Estados Unidos, onde supostamente os jornais em papel já deviam ser coisa do passado, começa-se a verificar que mais facilmente os leitores pagam por um produto que podem tocar, sentir, do que por algo apenas “virtual”. Em 2016, a Newsweek foi a primeira publicação a entender, pelas piores razões (uma quebra significativa das vendas), que os seus leitores queriam continuar a receber a revista em papel. Daí que atualmente haja publicações impressas que estão também no online, sendo que o online é mais utilizado para as notícias do dia-a-dia ou de última hora. N’O Clarim também o fazemos, o que não quer dizer que à sexta-feira, na edição impressa, não voltemos a publicar matérias já divulgadas, tanto no nosso website como no Facebook e no Instagram, ao longo da semana.

Quais foram os pontos menos positivos que destaca ao longo destes 74 anos e os mais positivos?

Os menos positivos prenderam-se, sobretudo, com divergências ocorridas entre o jornal, personalidades de vários quadrantes da sociedade e as autoridades oficiais, em momentos – refira-se – meramente pontuais. Claro está que facilmente não teríamos este tipo de constrangimentos no nosso currículo, se não estivéssemos há tantos anos nas bancas. Os pontos mais positivos são todos aqueles momentos em que sentimos que o jornal alcançou – e alcança – os objetivos a que se propõe, e sempre que algo muda para melhor. Também motivo de regozijo é verificar que o jornal é hoje mais conhecido a nível internacional, o que para muito tem contribuído o online, embora haja sempre quem, mesmo longe, goste de “tocar” n’O Clarim.

Como tem sido viver na “bolha fechada” por causa da Covid-19?

Cada pessoa vive este confinamento, ou semi-confinamento, de maneira diferente. Por isso é difícil falar pelo coletivo. No que respeita ao jornal, a Igreja Católica em Macau continuou o seu caminho dentro da normalidade, sem nunca descurar a situação em que nos encontramos. Curiosamente, verificou-se um aumento do número de fiéis nas celebrações eucarísticas e noutras atividades religiosas, o que permitiu a O Clarim ter matéria-primeira para continuar a trabalhar.



Que projetos a curto/médio prazo para O Clarim?

Sem descurar a edição impressa – a nossa joia da coroa – estamos a reforçar a presença no online. Ainda há dias estabelecemos uma parceria com o site Vatican News (www.vatican-news.va), tendo os seus responsáveis autorizado a inserção do widget do Vatican News na página online d'O Clarim, o que representa um sinal de confiança da Santa Sé, mais precisamente do Dicastério para a Comunicação, no nosso trabalho. Outras parcerias do mesmo género estão a ser estudadas, o que para nós é um motivo de orgulho.

Que mensagem quer deixar aos leitores do vosso jornal?

Primeiro, agradecer a todos os nossos leitores pela fidelidade que há muito vêm demonstrando; segundo, prometer que iremos continuar a trabalhar com o máximo afinco para continuar a merecer a sua confiança, o que para um jornal com uma linha editorial tão específica nem sempre é fácil. Mas com o apoio do Senhor Bispo D. Stephen Lee, da Cúria Diocesana e de todos os fiéis, não há razão para más vindimas.

| OPINIÃO

Bayingyiis, os lusodescendentes de Myanmar II Parte

Esquecidos estavam, esquecidos continuam



O LEGADO DE FILIPE DE BRITO

Gerir os destinos da feitoria do Sirião foi a recompensa obtida pela participação de Brito (ao serviço do soberano de Arracão, reino situado na costa do golfo de Bengala) na conquista do Pegu, facto histórico que viria a ser retratado num mural de um relicário contíguo ao templo Ananda, na cidade de Bagan, e que nos mostra Brito e companheiros a bordo de juncos.

No entanto, o militar português, insatisfeito com o seu quinhão, da feitoria fez fortaleza – “começando no ano de

1599 por uma tranqueira de madeira, no ano de 1602 o fez de pedra e com muita artilharia e munições a pôs em estado para se poder defender de todos os inimigos”, como escreve o cronista Bocarro – e, em revolta aberta contra Arracão, não só se assenhorou da zona do delta e da sua população, como tentou apoderar-se dos portos de mar de Cosmim e Martavão, locais onde projectara erguer fortalezas. Assegurar a posse dessa zona estratégica equivalia à possibilidade de controlar toda a região, como, de facto, o fizeram os portugueses. Filipe de Brito soube conquistar

também a simpatia dos soberanos de etnia mon; preocupando-se em povoar as terras ermas, ofereceu-as depois, isentas de impostos, aos habitantes. Assim, em redor da fortaleza foi crescendo a povoação. Em Outubro de 1602, haveria no Sirião, sob guarida portuguesa, entre catorze a quinze mil pessoas.

Originários de uma região que se estende ao longo do golfo de Martavão, delimitada a leste por uma cadeia montanhosa, os mon acabariam, ao longo da sua história, por ser absorvidos pelos povos vizinhos, fossem eles birmanes ou siameses. Porém, curiosamente, não só a cultura mon sobreviveria a toda essa absorção, como acabaria por moldar a dos povos invasores. Foi de Thaton, antiga capital mon, que partiu o budismo para, em Bagan, se tornar a religião do império.

Fiel a uma estratégia previamente delineada, e uma vez assegurada a aliança com os mon, Filipe de Brito de Nicote tratou logo de estabelecer parceria com Nat shin Naung, rei do Tangu, familiar e rival do de Ava, pois pretendia utilizar esse reino como trampolim para o interior, de onde sabia virem as riquezas que se comerciavam nos portos do Pegu, em Arracão e na costa sul. Situado na zona limítrofe entre a Baixa e a Alta Birmânia, o reino de Tangu constituía um empecilho aos desejos de domínio do rei de Ava, que tencionava avançar também sobre o Sirião. A relação de Brito com Nat Shin Naung era de tal forma próxima que, alegadamente, este ter-se-ia convertido ao cristianismo, chegando mesmo a receber o baptismo. Uns consideravam-nos “irmãos de sangue”; outros, simples cunhados, pois Brito de Nicote viria a casar-se com a irmã do birmanês, que, depois de convertida, adoptaria o nome de dona Maria de Saldanha.

Verdadeiro “lançado”, senhor do seu destino, Filipe de Brito sonhava com a criação de um estado equivalente ao Estado da Índia, mas no Sudeste asiático. O reino de Ava, porém, antecipou-se, ocupando Tangu em 1609. Por solicitação do cunhado destronado, Brito marchou sobre a cidade, resgatou Nat Shin Naung, fez o devido saque e refugiou-se em Sirião. Furibundo, Anauk-hpet-lung, rei de Ava, retaliaria, conquistando, após prolongado cerco, o estabelecimento português em 1613 e pondo assim fim ao

reinado do capitão. Acusados de corruptores da religião, os dois amigos morreriam por ordem de Anauk-hpet-lung nesse mesmo ano. A Nat Shin Naung, abriram-lhe o peito; ao português coube a cruel morte por empalação, tendo passado “três dias em agonia antes de perecer”, como relatam as crónicas da época.

Faria de Sousa conta-nos que não era intenção inicial do monarca avançar poupar a vida aos habitantes de sirião, mas que, “depois de acalmado, decidiu enviá-los para norte, para Ava, como escravos”. Um trajecto de mais de setecentos quilómetros, percorrido a pé pelos seguidores de Filipe de Brito, que, nas palavras do cronista, “eram constituídos por portugueses, euro-asiáticos, negros e malabares”. Totalizavam alguns milhares, entre os quais apenas quatrocentos seriam inteiramente portugueses.

Este quantitativo é, no entanto, fortemente contestado por quem se debruça com mais atenção sobre o tema em causa. Ao que consta, o número de portugueses seria bem mais elevado, sendo que, nessa sua penosa jornada, tiveram o apoio moral e a companhia dos franciscanos Gonçalo Machado e Manuel da Fonseca. Este último terá enviado uma carta, datada de 26 de Dezembro de 1616, ao vice-rei de Goa, relatando as dificuldades pelas quais passaram os prisioneiros nessa jornada.

Em 1635, partiria para Ava o dominicano e lisboeta Agostinho de Jesus, ao saber que ali se encontravam quatro mil cativos, desprovidos de qualquer assistência espiritual. A esse respeito, relatam as crónicas o seguinte: “Se pôs a caminho daquela cidade, em que gastou três meses pela Ganga acima, sujeitando-se ao rigor da mesma prisão por acompanhar os cristãos nos seus trabalhos, administrá-lhes a consolação de que careciam, e com eles esteve cumprindo no mesmo trabalho muitos anos, nos que ia também tirou da sua cegueira a muitos gentios, e conseguida a liberdade passou aos reinos de Bengala.”

A comunidade cristã ter-se-ia entretanto multiplicado. Para prevenir uma proliferação excessiva, o rei Tahlun Min, irmão de Anauk-hpet-lung, entretanto assassinado pelo próprio filho, seleccionara os mais dotados na arte bélica e integrara-os na sua guarda pessoal, exilando os restantes para a povoação de Preinma, na margem leste



A semelhança fisionómica entre um bayingyi e uma portuguesa é bastante óbvia

© Joaquim Magalhães de Castro

do rio Chindwin, afluente do Irrauadi. Daí, seriam enviados para o vale do Mu, onde fundaram oito aldeias, sendo autorizados a praticar livremente o seu culto. Trabalhavam as terras livres de impostos, sendo requisitados para o exército em tempo de guerra.

O cronista António Bocarro refere, a propósito, que “ficaram cativos d’el rei e foram postos em aldeias ou espalhados pelo reino. Como cativos eram invioláveis, padecendo o único mal de não poderem sair do país”. Incorporados em unidades militares hereditárias de elite, constituíram até ao fim do século XVII a base da artilharia do II império Tangu.

Mas Agostinho de Jesus e Gonçalo Machado foram exceção à regra, pois o Estado da Índia ignorou sempre os insistentes apelos no sentido de serem enviados padres para o interior, ficando a comunidade irremediavelmente abandonada à sua sorte durante quase meio século. Seriam os padres barnabitas italianos quem colmataria a lacuna e estruturaria o catolicismo, fundando escolas, onde se ensinava, para além do português, o latim e o italiano. No processo, criaram tipografias, onde eram impressas gramáticas, compêndios de história e dicionários, entre os quais um dicionário de latim-português-birmanês, ao mesmo tempo que faziam constantes pedidos para que da Europa lhes enviassem livros em português. Graças aos barnabitas, a nossa língua foi uma realidade na Birmânia até ao final do século XIX, tendo, a partir de então, caído no total esquecimento. Sabe-se também que os portugu-

ses continuaram a gozar de um estatuto privilegiado junto da corte de Ava, graças a relatos de enviados europeus, que, por exemplo, mencionavam a presença do armador Simão de Vargas, “que falava fluentemente o birmanês e o siamês”, e de António Camarata, chefe da guarda-real, que “tinha autorização para andar armado na presença do rei”. Fruto do trabalho dos barnabitas, são recordados ainda hoje ilustres filhos da terra, como Ambrósio de Rosário, que em Roma foi cirurgião reputado; ou o padre George d’Cruz, responsável pela construção de um colégio e uma tipografia em Cosmim; ou ainda Inácio de Brito, o primeiro barnabita birmanês, poliglota, médico, escritor e, sobretudo, músico. Foram inúmeros os hinos religiosos que compôs e que até muito recentemente se cantavam, em português, nas igrejas de todo o país.

Figura quase mítica, Filipe de Brito passaria para os anais portugueses e birmanes (onde surge sob a designação Nga Zinga ou Kala) ora como herói, ora como traidor. O retrato pela negativa deve-se, quase sempre, ao seu procedimento hostil em relação ao culto oficial do império birmane. No pagode de Maha Kalyani, na cidade de Bago (antiga Pegu), por exemplo, existe ainda uma sala de ordenação construída em 1476 e que, em 1599, durante o ataque à cidade, o capitão português mandou queimar. Esta foi a primeira de outras quatro centenas de salas de ordenação similares disseminadas por todo o país, com base em cópias de plantas trazidas do Ceilão.

Se era conflituosa a relação de Brito com a hierarquia bu-

dista, com a cristã revelou-se cordialíssima, representada aqui pela Companhia de Jesus, junto da qual o renegado gozava de grande prestígio, pois dera aos religiosos terra numa das ilhas do delta. Chegariam posteriormente dominicanos, agostinhos e franciscanos. O comportamento de ambas as partes – capitão e missionários – interferiria irremediavelmente na vida da região, do país e até na política seguida pelo Estado da Índia, de modo que este não só reconheceu os feitos do capitão, como encorajou pobres, renegados e aventureiros a procurarem refúgio em sirião. Nesse contexto, Filipe de Brito mandou erguer no interior da fortaleza a igreja de Nossa Senhora do Monte, acerca da qual existem raros registos, mas que se sabe ter sido incendiada pelos exércitos conjuntos de Arracão e de Tangu, a 11 de Abril de 1607.

Com a derrocada do feudo do português, o catolicismo sofreu um enorme revés, tendo a perpetuação do culto ficado entregue a religiosos goeses, que não sabiam birmanês e apenas pregavam em português-patuá, facto que só os hostilizava junto da população. Os primeiros missionários europeus que regressaram ao Sirião – dois franceses, em 1689 – ainda chegaram a abrir um dispensário, mas, acusados de espionagem, foram afogados no Irrauadi. A imagem dos representantes do clero que entretanto ali se mantinham, sob a supervisão da diocese de Madras, na Índia, não era a melhor, pelo menos se dermos credibili-

dade a relatos como o que se segue, feito por um navegador inglês do início do século XVIII eivado do puritanismo que caracterizava esse povo: “Há aqui cristãos de origem portuguesa e alguns arménios. Os portugueses possuem uma igreja, mas as vidas escandalosas que os padres levam tornam-nos desprezíveis aos olhos do povo.”

Os bayingyis de hoje constituem uma das várias comunidades católicas minoritárias (a maioria delas de origem portuguesa) que podemos encontrar do norte ao sul, do leste ao oeste desse enorme país maioritariamente budista que é o Myanmar, a antiga Birmânia. Os bayingyis habitam treze aldeias no norte do país, disseminadas por uma vasta planície entre os rios Chindwin e Mu, e subsistem sobretudo da agricultura. Distinguem-se dos restantes birmaneses pelos seus óbvios traços caucasianos – narizes proeminentes, olhos claros e profundos, maior pelagem no corpo, etc. –, muito embora tenham desaparecido o uso do português e os seus nomes e apelidos tenham desaparecido (subsistem, estes últimos, nas placas funerárias e nos registos paroquiais). A prática do catolicismo é, sem dúvida, o traço mais distintivo dos bayingyis. Seguem o calendário litúrgico, praticam muitas das nossas tradições e mantêm aceso um enorme orgulho das suas raízes portuguesas.

De facto, como se comprova pelo cobarde silêncio que por aí paira, não os merecemos.



© DR



Joaquim Magalhães de Castro
Investigador e Diretor Geral da AILD
para a Ásia/Pacífico

A R T E S E A R T I S T A S L U S O S

Guilherme Rodrigues

[Website oficial](#)

[Instagram](#)



Nasceu em 1988 e começou a estudar violoncelo e trompete quando tinha sete anos na Orquestra Metropolitana de Lisboa e mais tarde no Conservatório Nacional de Música de Lisboa para estudar clássicos e teoria musical até aos seus vinte e três anos. Faz parte da editora Creative Sources Recordings, diretor musical da Hosek Contemporary Art Gallery e membro ativo da Reanimation Orchestra. Tem seguido uma carreira profissional na música desde 1997 e atua em concertos e workshops em toda a Europa e Ásia. Atualmente a viver em Berlim. Com uma abordagem intuitiva à improvisação e exploração dos timbres, utilizando tanto técnicas clássicas como extensivas, a sua música é excitante, polirítmica e cheia de contrastes. O seu trabalho sonda a fisicalidade do espaço em que a audição ocorre. A sua música, incluindo tanto obras acústicas como electroacústicas, tem sido descrita como delicada, intensa, concentrada e física. Para além do trabalho em conjuntos musicais que vão do clássico contemporâneo à improvisação livre, trabalha frequentemente com bailarinos. Tem criado música para teatro, rádio, televisão e cinema mudo.

A música foi um caminho natural, ou simplesmente influência familiar?

Sendo muito sucinto, quando nasci, em 1988, a música fora um dos primeiros *feedbacks*, muito por “culpa” da minha família – nomeadamente os meus pais e a minha tia. Aos 3 anos já tinha uma mãe que acabara de ganhar o festival da canção com o “em playback”, um pai que para além do braço-direito do Jorge Palma se aventurava por caminhos musicais fora do *mainstream* (freejazz/improvisação) e uma tia de seu nome Lena d’Água. O caminho desde o “querer ser” até ao “sou” deu-se de forma natural, pois já nasci no meio!

Como aconteceu a escolha do instrumento? O que pesou na decisão de optar pelo violoncelo em vez do trompete?

Na verdade tive duas hipóteses de escolha – clarinete e violoncelo. Escolhi o violoncelo já não me lembro ao certo o porquê, mas provavelmente pela sua forma e cor. E foi também de forma natural. O trompete foi mais tarde e apenas por 2 anos.

Lançou mais de 50 álbuns de projetos próprios, já dividiu o palco com inúmeros bailarinos e músicos, faz parte da gravadora Creative Sources Recordings, é diretor musical da Hosek Contemporary Art Gallery, membro ativo da Reanimation Orchestra e ainda leciona. É de facto impressionante a produção musical do Guilherme. Os seus dias tem mais do que 24 Horas?

(risos) Bem, isso tudo está dentro dos 34 anos de vida que eu já levo às costas. Respondendo mais seriamente à pergunta, acho que há dias

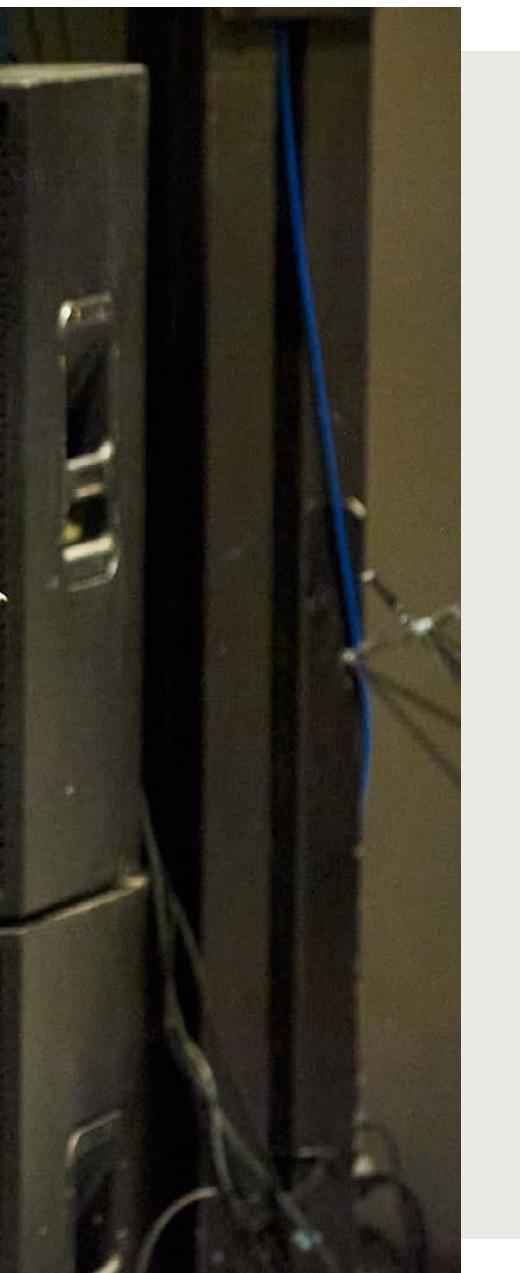
do ano em que efetivamente os dias me parecem maiores, mas noutras alturas acontece o contrário. Acho que tem a ver com a quantidade de trabalho que se tem para fazer e também o nível de envolvimento mental para cada trabalho. Portanto, depende dos dias!

Em 2016 mudou-se para Berlim. Portugal ainda não tem uma cultura de música improvisada – não tanto em relação aos músicos mas sobretudo ao público?

Ora, a questão que se deve realçar neste tema é que, primeiramente, a “música improvisada” não é um



© Nuno Martins



estilo *mainstream*. Portanto é uma música para minorias. E como o nosso Portugal é atrasado em muita coisa, a “scene” também demorou a assentar em Portugal, se bem que nos últimos 10 anos houve um crescimento exponencial no interesse do público, na curiosidade de muitos músicos que se descobriram e até de jovens empreendedores que abriram casas com vista em programações culturais onde este tipo de música se enquadra.

Tocou e gravou com Sebi Tramontana? Como foi esse momento?

Eu já conhecia o Sebi desde os meus 13 anos, quando nos cruzámos em concertos num festival na Áustria. Em 2020 o Sebi teve uns concertos em Berlim e convidei-o para vir almoçar e tocar um pouco em minha casa. O almoço foi maravilhoso, feito pela minha ex-namorada e em jeito de homenagem, depois da produção e sugerido pelo Sebi, demos o seu nome ao disco – Jiae Han.

Já compôs para teatro, rádio, televisão e também cinema mudo. Qual a obra que destaca dentro das suas composições?

Na minha área e na cidade onde eu vivo, o universo musical a nível de composição é muito vasto. Hoje em dia temos composições que não têm nada a ver com a escrita tradicional clássica a que estamos



© Nuno Martins

habituated. Já toquei e fiz peças onde a partitura de interpretação era gráfica, outra com números e temporizador, outra com letras e palavras. E os resultados são fascinantes. Por vezes a simplicidade resolve muito coisa e poupa cabelos brancos! (risos) Mas destacar obras minhas, não será fácil. Considero cada composição minha em tempo real, especial.

É importante conhecer bem os outros músicos ao tocar peças de improvisação livre, ou a experiência de cada um é suficiente para a descoberta e interação?

É esse um dos fascínios da improvisação livre. Ter a oportunidade de “conversar” em palco com outro músico, em frente a uma audiência... Para além da coragem de “saltar na água fria”, temos que ter

ferramentas (dadas pela nossa exploração sonora do instrumento) que funcionem bem e técnica aprimorada. E aqui entra outra questão. Ninguém te irá apontar o dedo se estiveres desinspirado. É um conceito muito próximo do conceito de Liberdade.

Na dança dos instrumentos seja ela um trio, sexteto, ou simplesmente um dueto, nesse diálogo/conflito permanente como se desenrola a história?

Olhemos para um dia normal de um cidadão comum - Sai-se de casa para ir beber café, cruzamo-nos com o vizinho nas escadas, no café interagimos com outras pessoas, e assim a conversa desenvolve.

É o mesmo para mim e para nós improvisadores. Somos influenciados por tudo, desde os músicos que tocam connosco, às suas ações, ao tipo de luzes que



© Nuno Martins

há na sala, à proximidade com o público, imensas coisas. Fica difícil explicar ao certo como se desenrolará um trio ou um sexteto no contexto da improvisação.

A sua obra tem sido descrita como delicada, intensa, focada e altamente física. Concorda com esta análise?

Uma vez mais, depende de com quem toco, mas sim, considero que esses adjetivos fazem parte de mim.

Como é atuar com o seu pai em palco?

É como jogar à bola com o teu melhor amigo!

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Todos os dias nos redescobrimos. Sigam sempre os vossos sonhos no que toca ao desconhecido. É aproveitar enquanto cá andamos. Força!



Terry Costa
Presidente do Conselho Cultural da AILD

A M B I E N T E

As ondas de calor em Portugal

As actuais ondas de calor que estamos a experienciar em Portugal têm sido noticiadas em primeiras páginas de jornais e têm merecido honras de abertura em vários noticiários das televisões. Todavia, esta situação já não será surpresa para ninguém, pois, as consequências das alterações climáticas estão aí, à vista de todos. Os últimos anos têm evidenciado um aumento gradual das temperaturas médias do planeta e uma maior frequência de fenómenos atmosféricos extremos. Além do forte impacte na saúde humana, especialmente os grupos mais vulneráveis, as ondas de calor



favorecem a ocorrência e a propagação dos fogos florestais. Este fenómeno climatérico caracteriza-se por “uma sequência de, pelo menos três dias consecutivos com temperaturas máximas ou mínimas mais altas do que as esperadas para a mesma época do ano e para a mesma região”.

Prevê-se que os países pertencentes à bacia do Mediterrâneo sejam dos mais afectados por estas ondas de calor e pela seca extrema, pois esta região é especial-

mente sensível às mudanças climáticas, que têm provocado, nos últimos anos, ondas de calor mais intensas, mais frequentes e com maior duração. Se por um lado, o número de dias considerados de “verão” tem aumentado, por outro, têm reduzido os níveis de pluviosidade e a sua frequência.

Os ventos quentes (muitas vezes carregados de poeiras) do deserto do Saara têm contribuído fortemente para estas ondas de calor e para a crescente desertifi-



cação de Portugal, a caminhar, de Sul para Norte. A origem deste calor abrasador é o resultado de uma conjugação de diversos factores, entre os quais se destacam – os ventos quentes provenientes do deserto do Saara, a elevada radiação solar e as altas pressões atmosféricas subtropicais. Embora estes factores acima referidos sejam determinantes nas elevadas temperaturas registadas, existem, contudo, outros factores de menor escala que podem desencadear algumas oscilações nos termómetros, nomeadamente, aqueles que se referem às oscilações entre as zonas de montanha e as cidades. Se nas primeiras corre

ar fresco com alguma frequência, sobretudo durante a noite, nas segundas, o ar está muitas vezes irrespirável. Nas cidades, ocorre, com alguma frequência, um fenómeno denominado por – ilhas de calor. Esse efeito é induzido pela ventilação reduzida; pela elevada concentração de edifícios; pela presença de materiais que absorvem uma maior quantidade de radiação; pela poluição resultante da circulação dos veículos automóveis e pelas unidades industriais.

Além disso, existe outro aspecto importante a ter em conta – a orografia das cidades – que pode favorecer, ou não,



o aumento das temperaturas. Cidades localizadas em vales, onde a circulação de ar é reduzida, atingem temperaturas muito elevadas, quando comparadas com zonas habitacionais mais ventiladas, localizadas nas montanhas.

Também a acumulação de gases com efeito estufa na atmosfera contribui fortemente para o agravamento da situação, não se prevendo nos próximos anos uma redução considerável deste problema ambiental.

É um facto - na actualidade, as ondas de calor ocorrem com maior frequência. Nos últimos 10 anos, o seu surgimento duplicou a frequência, quando comparado com as décadas anteriores. Os valores máximos das temperaturas são ultrapassados de um modo repetido e os dados revelam uma tendência ascendente.

Sendo as ondas de calor uma das consequências do aquecimento global, este passou a ser avaliado, não apenas pelo aumento da temperatura média anual e pelo aumento das temperaturas mínimas e máximas, mas também por aquelas, que chegam cada vez mais cedo e antecipam a época de verão.

Com esta escalada de temperaturas altas, muito em breve, em algum lugar de Portugal, os termómetros registarão os 50 °C.

Pese embora as ondas de calor estejam relacionadas com as alterações climáticas, numa relação de causa e efeito, importa referir, em jeito de conclusão, que aquelas já existiram no passado, com menor ou maior frequência, muito antes de se falar nestas questões relacionadas com o aquecimento global.



Vítor Afonso
Mestre em TIC

Aquela

Aflição de ser eu e não ser outra.

Aflição de não ser, amor, aquela

Que muitas filhas te deu, casou donzela

E à noite se prepara e se adivinha

Objeto de amor, atenta e bela.

Aflição de não ser a grande ilha

Que te retém e não te desespera.

(A noite como fera se avizinha)

Aflição de ser água em meio à terra

E ter a face conturbada e móvel.

E a um só tempo múltipla e imóvel

Não saber se se ausenta ou se te espera.

Aflição de te amar, se te comove.

E sendo água, amor, querer ser terra.

Hilda Hilst

Seleção de poemas **Gilda Pereira**

| SAÚDE E BEM ESTAR

Intervenção Precoce na Infância e do SNIPI

O papel do Terapeuta da fala nessa intervenção



O Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI) integra um conjunto organizado de serviços da responsabilidade dos Ministérios da Saúde, do Trabalho

e da Segurança Social e da Educação dirigido a crianças entre os 0 e os 6 anos e suas famílias e tem como missão garantir a Intervenção Precoce na Infância.

Decreto-Lei n.º 281/2009

Os objetivos do SNIPI:

- Assegurar às crianças a proteção dos seus direitos e o desenvolvimento das suas capacidades;
- Identificar e referenciar todas as crianças que necessitam de IPI;
- Intervir em função das necessidades do contexto familiar de cada criança, de modo a prevenir ou reduzir os riscos de atraso no desenvolvimento;
- Apoiar as famílias no acesso a serviços e recursos dos sistemas da segurança social, da saúde e da educação;
- Envolver a comunidade através da criação de mecanismos articulados de suporte social.

Este modelo de intervenção tem por base oferecer apoio direto e indireto a crianças dos 0 aos 6 anos de idade e às suas famílias respeitando as suas características e necessidades individuais. Pretende incentivar o desenvolvimento global das crianças através do acesso a meios facilitadores para o efeito.

A família é totalmente englobada no processo e tem um papel fundamental, pois sendo um processo contínuo, a colaboração dos pais e de todos os membros envolvidos na vida diária da criança é essencial e decisivo para atingir os objetivos traçados individualmente bem como nas aquisições e aprendizagens.

A passagem de informação contínua, potencializa a capacidade de resposta por parte de quem procura os meios e recursos para responder às mesmas e capacita os membros intervenientes para que todos os momentos de interação com a criança possam ser mais eficazes. São facultadas as ferramentas e o suporte necessários para que exista continuidade do trabalho realizado pelo técnico especialista.

O técnico de intervenção precoce primeiramente conhece a criança e a família e o seu contexto, avalia as suas necessidades e dificuldades ao nível do desenvolvimento de forma global, posteriormente dá resposta às mesmas de forma específica por um tera-





peuta da fala, podendo receber consultoria de técnicos de outra área quando necessário.

O objetivo é a melhoria da qualidade de vida da criança e da família e por esse motivo trabalhamos em conjunto com o meio em que a criança se insere.

A prevenção precoce, pode passar por ações de sensibilização aos pais e elementos dos contextos educativos que comunicam com a criança ou comunidade em geral, facultando também estratégias para melhorar a comunicação com a criança e que promovam o seu desenvolvimento.

Porém, ainda não é dada a devida relevância a este assunto pois por vezes os pais ou educadores consideram que é normal a criança omitir sons da fala ou “falar à bebé”, ser “sopinha de massa”, as birras frequentes, justificando que ainda é muito bebé ou que algum membro da família passou pelo mesmo, por vezes podem ser comportamentos atípicos que consideram passar com o tempo.

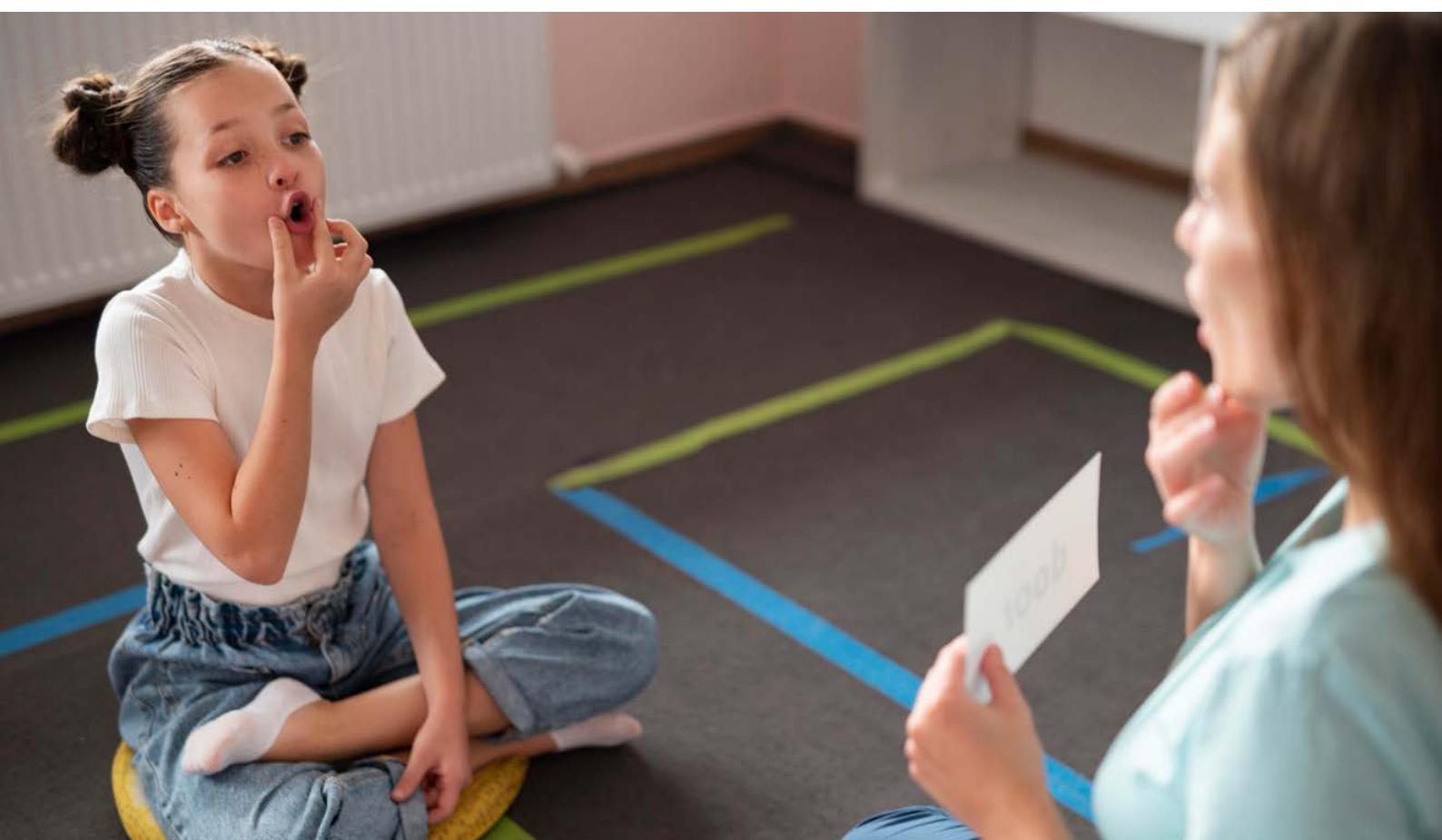
No entanto, o desenvolvimento e as aquisições de competências devem ser diários e podemos estar a atrasar o desenvolvimento da criança ao permitir que o tempo passe. Quanto mais precoce a intervenção do especialista, maior a possibilidade de facultarmos as ferramentas necessárias para uma criança feliz, capacitada às aptidões devidas na sua faixa etária.

Falando do Terapeuta da fala na sua globalidade

É o profissional de saúde responsável por otimizar as estruturas anatómicas necessárias para a harmonização da fala, mastigação e deglutição.

Pode intervir em qualquer idade sendo o profissional responsável pela prevenção, avaliação, diagnóstico e intervenção na comunicação humana.

A comunicação engloba todas as funções associadas à



compreensão e à expressão da linguagem oral e escrita, assim como todas as formas apropriadas de comunicação não-verbal.

Responde a perturbações relacionadas com a Fala e a Linguagem (expressiva ou compreensiva), alterações relacionadas com as funções auditiva, cognitiva, articulatória, respiração, deglutição e voz.

Deve ainda, desenvolver a prevenção precoce cujos objetivos são promover a saúde e o bem-estar da criança. De modo a melhorar competências cognitivas e funcionais, estimular a adaptação aos diferentes contextos e prepará-la para a vida adulta.

O terapeuta da fala poderá articular com todos os cuidadores (escola, família, etc.) fornecendo estratégias facilitadoras ao quotidiano de todos os envolvidos. Esclarece questões e adequa contextos de forma a desenvolver capacidades e a promover competências. Fornece ferramentas para o desenvolvimento funcional e harmonioso de uma criança ou para a recuperação de capacidades de comunicação, deglutição ou cognitivas de um adulto.

O objetivo do Terapeuta da fala não é só “ensinar a falar”, mas potenciar a funcionalidade, aumentar competências e melhorar a qualidade de vida não só do paciente, mas de toda a família/cuidadores.



Leonor Barruncho

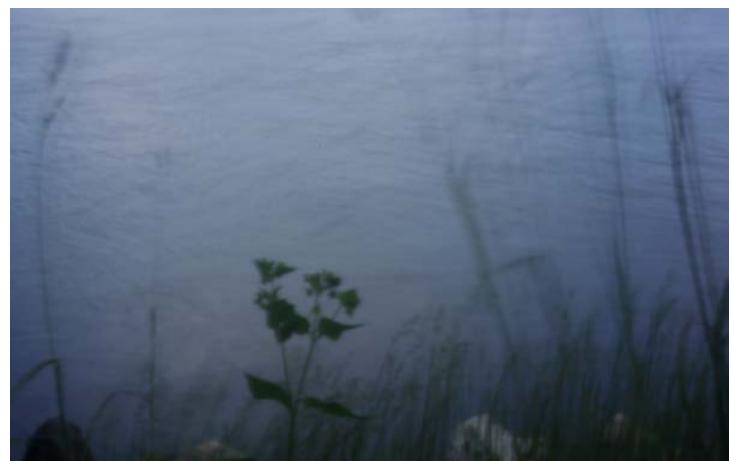
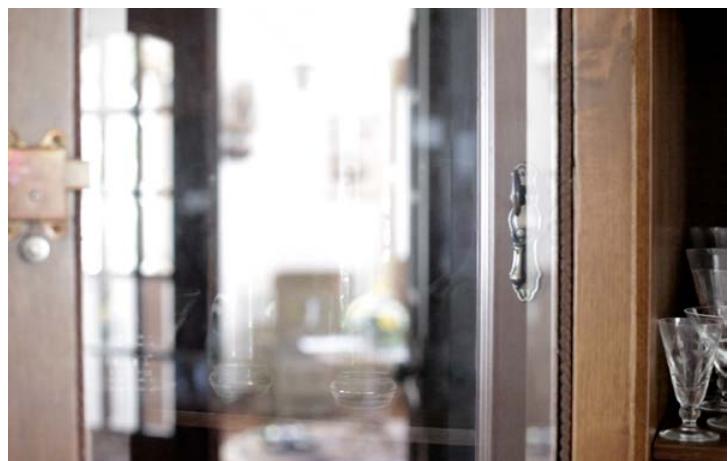
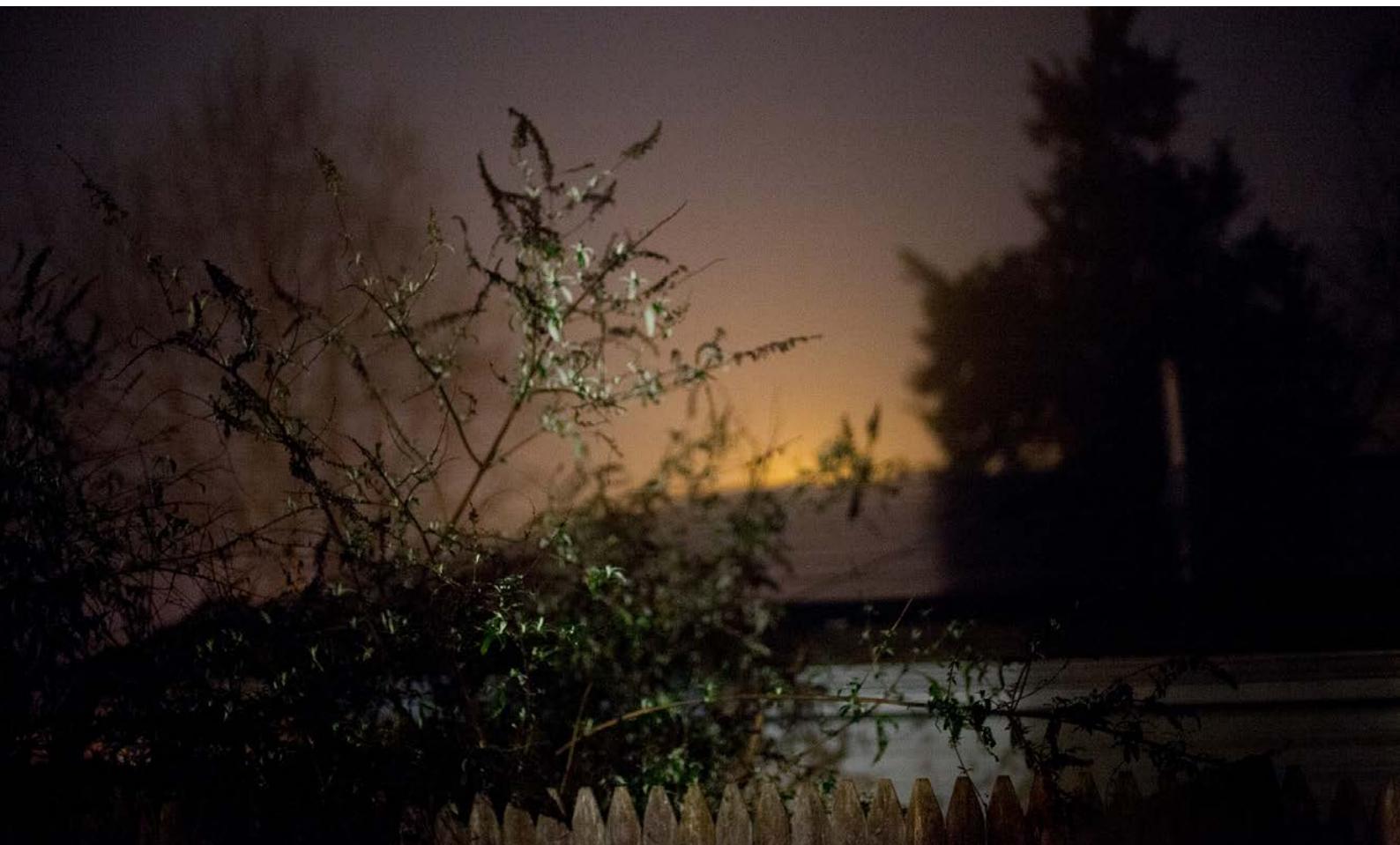
Terapeuta da fala - Técnica de Intervenção Precoce

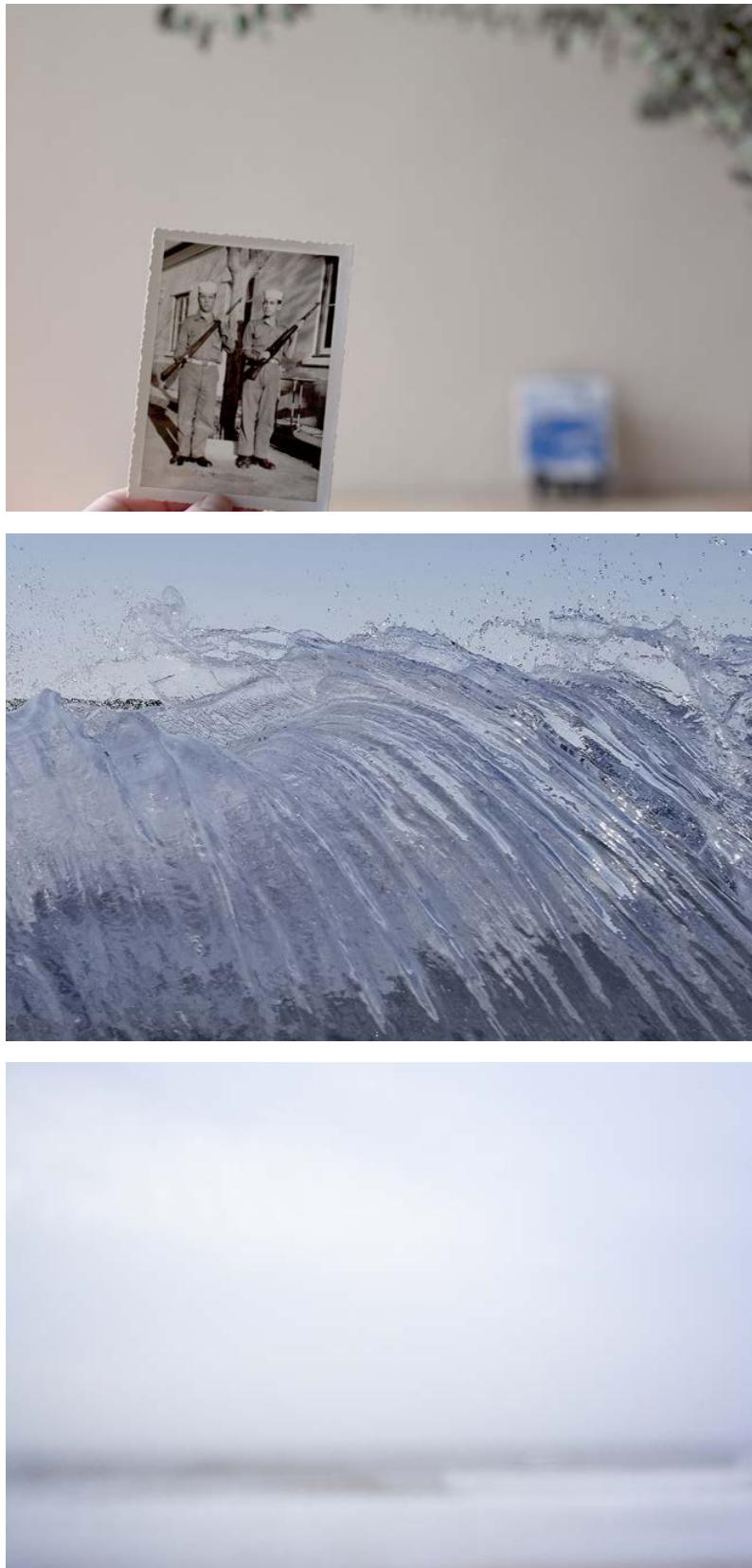


| PELA LENTE DE
Patrícia Silva









A fotografia tem a sua própria leitura além do reconhecimento, e é sempre mais do que a observação. Como fotógrafa e artista de vídeo, Patrícia Silva dedica-se às margens da imagem fixa e em movimento. Qualquer prática de ver e de escolher imagens precisa de mudar de registo várias vezes: a mudança também é um instrumento, uma outra lente. As experiências de emigrar, voltar, e de viver sempre entre mundos são a base do inquérito visual da artista. Nasceu em Lisboa, cresceu em Portugal, mas mora e trabalha em Nova Iorque onde dá ensino, escreve sobre fotografia, e participa em exposições.

| COM LUPA: CÁ DENTRO

Matosinhos III Parte

Terra de Horizonte e Mar



Chegamos ao último dia de visitas, rumando em direção às jocosas feiras do concelho para alegrarem a sua passagem. Dependendo do dia que lhe tenha calhado, deixamos aqui as diferentes opções: sábado de manhã conta com a Feira da Senhora da Hora (mesmo junto à linha do metro do Senhor de Matosinhos, na paragem “Estádio do Mar”); para sábado à tarde tem a Feira de Custóias (pode chegar através das linhas de metro B e E) e para o quarto domingo de cada mês (neste caso o 28 de agosto), entre as 10h00 e as 17h00 encontrará a Feira dos Golfinhos (no Jardim Basílio Teles, que merece ser apreciado, pelo seu enorme património quer cultural, com os edifícios referenciais, quer natural, com as numerosas espécies de plantas). Seja

pelos produtos frescos, pela enorme variedade de peças de vestuário e calçado, pela quantidade surpreendente de brinquedos, pelos diversos artigos tecnológicos, pelo re-viver do passado com as antiguidades e artigos de colecionismo, ou pelas deliciosas pipocas e algodão doce, estas feiras vão chamar por si, portanto não deixe de as visitar! Ah, e claro, tudo com qualidade e preços bem convidativos. Falando em produtos de qualidade, existem dois mercados que merecem a sua visita: Mercado de Matosinhos e Mercado de Angeiras. Ambos partilham uma imensidão de bancas com multiplicidade de escolhas, desde as peixarias aos talhos, das flores aos legumes e frutas, das queijarias às azeitonas, e até mesmo takeaways. A simpatia das



pessoas que aqui trabalham vai tornar toda a experiência ainda mais memorável. Desfrute e saboreie os sabores que aqui encontrará!

Depois do almoço delicioso, nada melhor do que refrescar-se com majestosas cervejas! O próximo ponto é pois Leça do Balio, e mais concretamente, a Super Bock Casa da Cerveja. O edifício é dotado de um ambiente refinado, com arquitetura moderna que vai deixá-lo bastante surpreendido. Com a amabilidade e conhecimento vasto de um guia que o acompanha, vai conhecer todo o processo de fabrico da cerveja, desde as matérias-primas e produção do mos-

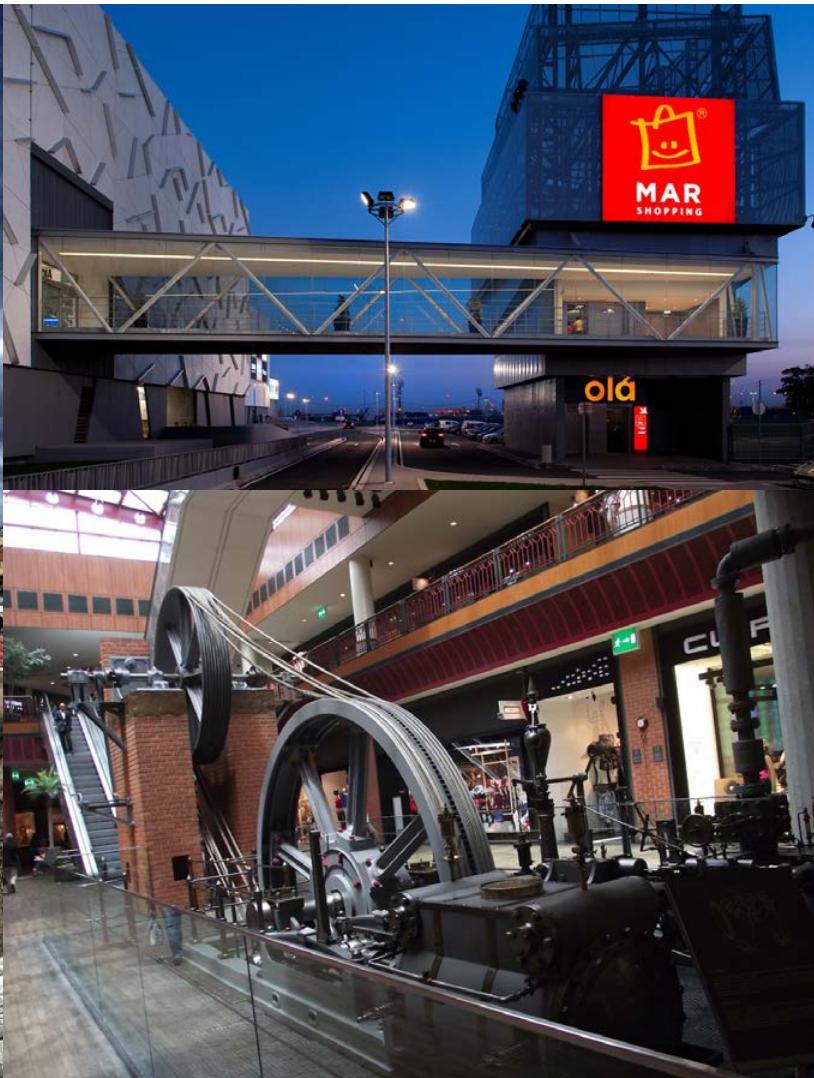
to, passando pela fermentação e terminando nas linhas de enchimento, de onde surge o som do tilintar das garrafas; vai conhecer momentos marcantes e curiosidades da marca Super Bock e vai poder ainda provar duas cervejas especiais em harmonização com aperitivos e iguarias (para as crianças ou caso não possa beber cerveja, não se preocupe, porque a Casa oferece a alternativa de sumos e bolachas). A visita guiada é uma experiência única por isso faça a sua marcação prévia (sujeita a confirmação)! Para tal, deve preencher o formulário no website da Super Bock Casa da Cerveja ou enviar um email (com indicação do dia,

hora e número de participantes) para o endereço: reservas@superbockcasadacerveja.pt

A visita tem duração aproximada de 2 horas, lotação máxima de 30 pessoas, e os preços são bastante razoáveis (pode consultar no website) variando consoante a faixa etária e o número de pessoas (a exemplo, para um adulto é de 10 €; para um estudante ou pessoa com idade acima dos 65 anos é de 6,25 €; e para família com 2 adultos e 1 criança é de 20 €).

Se agora está à procura de uma atividade mais radical e divertida para passar o resto da sua tarde, o que lhe parece conduzir um kart?! Em Perafita, na Rua de Almeiriga Norte encontra um kartódromo exterior - Kartódromo Cabo do Mundo - e na Rua do Progresso, um kartódromo interior - Kart Center de Matosinhos. Ambos têm karts de enorme qualidade e pistas desafiantes, pelo que qualquer uma das opções é igualmente positiva.

E como festas nunca são demais, especialmente quando as temperaturas o convidam a passear e divertir-se pelas ruas iluminadas, pode ainda durante o início do mês (até ao dia 7 de agosto) visitar as Festas de Sant'Ana! Com toda a animação envolvente surge o Mercadinho de Sant'Ana com barracas de gastronomia e artesanato, carrosséis e exposições variadas. Além disso, decorrerá, simultaneamente, até ao dia 7 de agosto a 23ª edição do FESTARTE (Festival Internacional de Artes e Tradições Populares de Matosinhos), que traz consigo a possibilidade de convergência com as tradições etnográficas, gastronómicas e culturais de comunidades provenientes de diferentes continentes. Este ano pode testemunhar grupos do Egito, Espanha, Geórgia, Guiné-Bissau, México e Polónia. Todos os dias são imperdíveis, mas destacamos aqui alguns acontecimentos dessa semana: a Inauguração da Mostra de Trajes e Mostra de Artesanato, a 1 de agosto, pelas 11h30,





na Câmara Municipal de Matosinhos; as Galas Internacionais de Folclore (no dia 1, às 21h30, em Santa Cruz do Bispo, no Auditório do Centro Social e no dia 4, às 21h30, na Senhora da Hora, no Parque das Sete Bicas); os Recitais de Música Tradicional, no dia 3, às 21h30, nas Igrejas Matrizes de Leça da Palmeira, Santa Cruz do Bispo e São Mamede de Infesta; uma novidade da edição deste ano, os Jogos Tradicionais, no dia 4, às 10h00, em Leça da Palmeira, no Parque Engenheiro Fernando Pinto de Oliveira; o Encontro Internacional de Etnografia e Folclore, no dia 5, às 10h00, em Leça da Palmeira, no Auditório D. Henrique; o Festival Internacional de Folclore

de São Mamede de Infesta, no dia 6, às 22h00 e a Gala de encerramento, no dia 7, às 15h30, em Matosinhos, no Parque Basílio Teles.

Para terminar, caso queira fazer algumas compras, jantar, jogar um pouco ou assistir um filme no cinema, vá até aos dois centros comerciais dinâmicos e simbólicos da região: MAR shopping e NorteShopping.

Esta foi uma visita longa, mas que, garantidamente, valeu a pena pela diversidade que o concelho e todas as suas freguesias integrantes lhe proporcionaram! Esperamos que a brisa de Matosinhos o traga novamente para mais experiências!



Fatinha Pinheiro
Geógrafa

| C O M L U P A : L Á F O R A

Barcelona

A Cidade de Gaudí



A segunda maior cidade de Espanha é o nosso destino, claro está falamos da cosmopolita cidade portuária de Barcelona. Visitada por milhões de turistas, Barcelona apresenta-se como uma cidade arquitetonicamente ímpar e banhada pelas calmas águas do mar Mediterrâneo. A cidade transpira arte e está preparada para receber visitantes, os demais aportam de diversas formas, nomeadamente, em navios cruzeiros, avião, comboio rede alta-velocidade ou de carro. Estamos perante uma cidade repleta de vida, e cujo ritmo parece nunca abrandar. Por forma a compreender a cidade é necessário absorver a sua belíssima história, que nos fará transportar a um passado cujo legado artístico que ainda hoje podemos contemplar.

A fundação de Barcelona assenta essencialmente em duas lendas, atribuindo-se a sua origem a Hércules ou aos Cartagineses do séc. IV a.C. Apesar das lendas, certo é que os

primeiros vestígios humanos encontrados na cidade datam de 2500 a.C., nomeadamente um conjunto de povoados ibéricos. A história de Barcelona, como as demais cidades do sul europeias, está intrinsecamente ligada aos Romanos, estes terão construído uma fortaleza nos terrenos atuais do castelo de Montjuic. Esta sobre-elevação natural permitia o funcionamento como estrutura de defensiva, e consequentemente o controlo visual das embarcações que aportavam. Já sob a liderança do imperador Augusto, a população foi abandonando a zona de Montjuic, e ocupando os terrenos mais planos da cidade dando origem à cidade de “Barcino” e da qual podemos ainda encontrar vestígios, mais concretamente nas imediações da Praça de Sant Jaume, no Museu da Plaza del Rei.

Seguiram-se períodos conturbados na vida de Barcino “Barcelona”, o fim do império romano resultou na ocu-

pação de tribos franco-alemãs, seguindo-se os notáveis Visigodos e culminando com a invasão Muçulmana, estes últimos apenas terão controlado a cidade durante um século devido à forte opressão dos Francos. Após a conquista da cidade aos Muçulmanos, foi fundado o Condado de Barcelona, que integrou o império de Hispânia sob o domínio francês. A história de Barcelona é feita de pactos e vizinhanças, com condados limítrofes, sendo de destacar a união ao reino de Aragão que favoreceu o Condado de Barcelona, tornando-se o centro político e económico da nova Coroa. Os séculos XVII e XVIII ditaram um período pós-guerra com os franceses, e com consequências nefastas para a economia da cidade que viria a recuperar em virtude da forte industrialização e comércio com a América Latina.

No final do séc. XIX e início do séc. XX, Barcelona tornou-se a cidade ex-libris do movimento modernista. Diversos artistas, deixaram uma marca incontornável na arquitetura da cidade, entre os quais o génio Antoni Gaudí.

Iniciamos a viagem pelas ruas de Barcelona, local aprazível abençoado pelo mediterrâneo, o ponto de partida será inevitavelmente as Ramblas.

Las Ramblas

As Ramblas assumem-se como uma das principais artérias da cidade: este local amplamente conhecido proporciona aos turistas um passeio pedestre entre a Plaça Catalunya e a zona portuária da cidade. A imensidão de pessoas é impressionante, estas deliciam-se com as estátuas vivas que a cada passo transmitem uma narrativa. Recomendo alguma precaução visto que estamos perante a zona com mais cardeiristas por metro quadrado, todo o cuidado é pouco.

Visite as Ramblas ao fim do dia, e delicie-se com uma das

inúmeras esplanadas no topo dos edifícios adjacentes.

Mercado La Boqueria – Mercado de São José

Este mercado está situado relativamente a meio da Rambla, tratando-se do lugar ideal para adquirir produtos frescos, a sua posição privilegiada contribuiu para a recente restauração, claro está falo de um local de produtos locais, para um local de produtos turísticos. Convido os visitantes a entrar no mercado e a percorrerem os corredores apertados, destaco os espaços associados à gastronomia catalã, no qual podemos saborear os famosos “Ovos Rotos”, “Patatas Bravas”, ou finalmente as “Croquetas”.

Parque Güell

Situado numa das colinas da cidade, é possível visitar uma das maiores atrações de Barcelona. O Parque Güell, foi construído pelo empresário local Eusebi Güell por forma a expor as obras de Gaudí. Em 1922, é inaugurado um jardim com uma área de 17 hectares, repleto de peças de arte, nomeadamente colunas, escadarias, arcos decorados com mosaicos coloridos. Estamos efetivamente num local único, repleto de esculturas de animais que pretendem retratar a simbiose perfeita entre natureza e arte. Em 1984, este local foi declarado Património da Humanidade pela Unesco, visitado por milhões de turistas anualmente, é sem sombra de dúvida uma paragem obrigatória.

A visita pelo Jardim representa um desafio físico, todavia a vista na zona central do parque é incrível, o banco enorme de 110 metros no formato de uma serpente completamente coberto de cerâmica colorida é o local predileto para fotos. No recinto do parque, ainda é possível visitar a Casa Museu Gaudí, onde o arquiteto terá residido entre 1906 e





1925. Atualmente está exposta uma coleção de obras de arte e objetos do quotidiano, a visita é rápida e o interesse questionável. Recomendo a visita ao parque no período matinal, uma vez que o calor pode ser avassalador e condicionar a visita. Relaxe e deixe-se levar, o local é mágico.

Sagrada Família

A Sagrada Família é o monumento mais conhecido de Barcelona, representa o expoente máximo da arquitetura modernista de Gaudí. A construção deste local de culto teve início no ano de 1982, resolvidos alguns percalços iniciais, as entidades locais terão colocado nas mãos de Gaudí a continuidade da obra. O projeto inicial contemplava 18 torres, de difícil execução, dada as geometrias e esculturas em causa. Apesar do falecimento de Gaudí, o sonho sofreu um revés, todavia os planos deixados permitiram a outros artistas locais retomarem a obra. Os custos da obra suplantam largamente o razoável, e a construção deste templo assenta em donativos e no próprio sistema de bilhética associado às visitas.

Prepare-se para as filas intermináveis, é realmente o monumento que todos querem ver. Destaco as fachadas incríveis repletas de vitrais, figuras religiosas e gárgulas. A imprensa e a população, regularmente acompanham a construção deste monumento, digamos que uma mera colocação de uma peça na cúpula, alimenta a discussão e aguça a curiosidade de todo o mundo.

Casa de Batlló

A casa de Batlló é uma das obras-primas de Gaudí na cidade, criada como um edifício normal a pedido de Josep Batlló, e depressa se transformou num ícone de arte moderna. As visitas para este monumento têm de ser adquiridas com meses de antecedência, sendo praticamente impossível visitar sem compra prévia. A fascinante fachada ornamentada com um colorido único, os mosaicos que procuram imitar flores, as varandas e arcadas impressionantes, encantam os visitantes. A entrada na Casa de Batlló é relativamente dispendiosa, todavia permite uma visita aos diversos espaços da antiga residência da família.

La Pedrera - Casa Milá

A Casa de Milá, conhecida como La Pedrera encontra-se nas proximidades da Casa de Batlló. O seu nome advém do aspeto rústico da pedra usada na construção. Este edifício modernista foi criado por Gaudí em 1906 e situa-se no “Paseo de Gracia”. “O Paseo de Gracia” é a zona mais nobre da cidade, repleta de lojas das melhores marcas do mundo. A casa de Milá atualmente alberga um espaço de exposições no qual se pode observar os rascunhos que conduziram à sua construção.

O cerne da visita é sem sombra de dúvida a cobertura, este espaço é dotado de elementos únicos em pedra que disfarçam chaminés e torres de ventilação. La Pedrera terá sido construída como uma habitação de uma família burguesa,



todavia rapidamente se terá transformado numa atração. Na cobertura, a vista sobre a cidade é incrível, aproveite para descansar e contemplar mais uma obra incrível.

Museu Nacional Arte Catalunha

Localizado nas imediações do palácio de Montjuic, o Museu Nacional de Arte da Catalunha é considerado como um dos museus mais importantes de toda a Espanha. Reserve pelo menos meio dia para visitar o MNAC, sendo que prepare-se para revisitá-lo todo o tipo de arte desde o período românico até ao contemporâneo.

No primeiro domingo de cada mês as visitas são gratuitas, na entrada são fornecidos guias áudio que permitem ao visitante emergir em cada pintura. As histórias descritas são incríveis e retratam marcos relevantes na história de Espanha. Nas imediações do MNAC, existe uma esplanada que se debruça sobre a Fonte Mágica, esta escadaria repleta de repuxos e lagos transforma-se durante a noite dando origem a um espetáculo de água e luz impressionante.

Bairro Gótico

Este bairro encontra-se situado no coração da idade, locali-

zado na zona mais antiga e mais bonita da cidade. Visite as ruas labirínticas e desemboque nas praças recônditas da cidade, como a Praça Real e Praça do Rei. O bairro gótico encontra-se devidamente delimitado pelas artérias principais de Barcelona, Ramblas, Via Laietana e Praça da Catalunha, e é caracterizado por ruas estreitas que permitem ao visitante regressar ao período de "Barcino" Romana.

Palácio da Música Catalã

A palavra certa para descrever este local é inesquecível. Construído em 1908, este local representa a melhor sala de concertos da cidade e uma das melhores do mundo. A acústica é incrível, motivo pelo qual diversos artistas adoram o local. É possível visitar a sala sob forma de uma visita guiada, no qual ficamos a conhecer o passado da sala assim como os atos importantes que nela ocorreram. O destaque principal deste palácio, é a sala principal de espetáculos e o seu teto em vitral com entalhe e molde único semelhante ao de uma gota de água. Reserve e assista a um espetáculo de Flamenco, a música tradicional espanhola tem outro encanto e os acordes da guitarra ecoam durante uma vida na mente dos visitantes. Barcelona a cidade de Gaudí, um Louco ou um Génio?



João Costa
Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia



| FALAR PORTUGUÊS

Os brasileiros, os galegos e os portugueses

Nós e os brasileiros

Gostamos muito de falar dos brasileiros.

Alguns de nós, mais inclinados para a pureza, reclamamos muito por causa da suposta brasileirização da cultura portuguesa, a começar no excesso de telenovelas brasileiras (tópico na moda há uns anos, entretanto apagado por via duma dieta prolongada de novelas da TVI) e a terminar no horror ao Acordo Ortográfico, para muitos uma cedência imperdoável da nossa alma linguística ao Brasil.

Outros de nós gostamos do Brasil porque nos dá uma sen-

sação de grandeza, chamemos-lhe lusofonia ou a tal pátria que é a língua portuguesa. Sem o Brasil, a lusofonia seria uns pedacinhos de terra europeus e africanos. Quem gosta de sentir uma identidade mais misturada em direcção ao sul gosta muito do Brasil e não se importa com miscigenações culturais e linguísticas. Fica até aliviado, que isto da pureza cansa muito.

Há ainda quem misture um pouco as coisas e goste que os brasileiros falem a nossa língua, mas gostava mais se não tivessem esse desplante de a falar doutra maneira.

Para o mal e para o bem, o Brasil é uma das balizas da nos-

sa identidade: pelo medo ou pelo fascínio, está bem presente nas discussões sobre o que é ser português.

Ora, para os brasileiros, somos pouco mais do que um povo europeu como os outros (que por obra do mero acaso lhes deu o nome à língua e aparece nos livros de história). Enfim, também lhes demos alguns imigrantes, umas boas anedotas e, agora, alguns actores desempoeirados. Pouco mais do que isso.

Os brasileiros conhecem Portugal, até têm avós transmontanos, mas estamos longe de ser uma das balizas da identidade brasileira. Somos uma curiosidade histórica.

A língua portuguesa é parte, claro, da identidade brasileira, mas sem que por isso os brasileiros sintam uma ligação especial ao longínguo país donde a língua veio (e donde vieram os brasileiros quase todos, claro). Para os brasileiros, o nome da língua é um pormenor: o importante é não ser a mesma língua dos vizinhos.

Em suma, o que para nós é um foco de tensão identitária, para eles não aquece nem arrefece.

Os galegos e nós

Ora, curiosamente, há um povo que parece ter uma relação connosco parecida com esta nossa relação com os brasileiros: os galegos.

Sim, os galegos olham para Portugal e sabem que a relação com o vizinho do sul é significativa: seja para se afastarem e ficarem imersos na nação espanhola, seja para se afirmarem como algo diferente dos restantes espanhóis.

Mesmo na ortografia da língua, os galegos têm este foco de tensão: ou se aproximam dos espanhóis, com “ñ” e tudo o mais, ou se aproximam de nós, com os “nh” e outros que tais. Por cá, ignoramos olimpicamente as questões existenciais dos galegos. Sim, conhecemos a Galiza, sabemos que é uma região dos nossos vizinhos, e até sabemos que há por lá uma outra língua, que mal sabemos reconhecer (na escrita até vemos algumas parecenças com o português, mas quando os galegos falam soa tudo a espanhol e pronto). Para lá desses factos soltos, a Galiza não entra no radar dos portugueses.

É assim na cabeça dos portugueses — tal como muitos brasileiros nem sabem que os portugueses têm outro sotaque, poucos portugueses sabem que o galego tem uma relação tão íntima com o português.

Talvez fosse engraçado começarmos a virar a nossa atenção também para os vizinhos de cima. A Galiza é essa curiosa região espanhola onde vemos muito de Portugal, mas com alguma distorção, o que nos dá aquela vertigem de espelho ondulado. É como se voltássemos à nossa terra muitos anos depois: reconhecemos algumas coisas, outras são-nos estranhas, mas há uma mistura de conforto e diferença que sabe bem.

Entretanto, podemos esperar, sentados, que os brasileiros descubram a cultura portuguesa — quando um dia acontecer, ganharão muito com isso, tal como ganham imenso os leitores portugueses que ultrapassam certos bloqueios mentais e começam a ler literatura brasileira, para lá dos lugares comuns dos medos e dos fascínios.

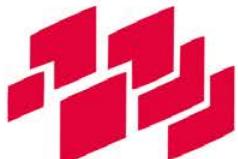


Marco Neves
Universidade Nova de Lisboa

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO



Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada



cisterdata
consulting

Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.

DIREITO FISCAL

O novo englobamento das mais-valias de curto prazo

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>

A Lei do Orçamento do Estado (LEO) para 2022 estabelece uma alteração ao Código do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (CIRS) que visa concretizar a obrigatoriedade do englobamento dos rendimentos resultantes de mais-valias mobiliárias, quando os ativos em causa forem detidos por um período inferior a um ano e o sujeito passivo atingir um rendimento coletável igual ou superior a 75.009 euros. O contribuinte deixará, assim, de poder optar pela taxa (liberatória) de 28% e passará a estar sujeito à taxa marginal máxima de 48% sobre tais rendimentos obtidos, designadamente, com ações e obrigações, mais à sobretaxa de 2,5% ou 5% (se for o caso).

Com vista a simplificar o apuramento das mais-valias, a LOE estabelece ainda que sejam as instituições financeiras, residentes em Portugal e envolvidas nas transações, as responsáveis pelo apuramento e pela entrega, até dia 20

de janeiro do ano seguinte, de um documento onde identifiquem, relativamente aos títulos transacionados, a quantidade, a data e o valor da aquisição. Recupera-se, neste âmbito, a proposta de LOE que fora apresentada em 2002.

Parece resultar da atual LOE que todos os rendimentos qualificados como mais-valias desta natureza no âmbito do CIRS serão suscetíveis de ser reconduzidos ao escopo de aplicação da nova norma, uma vez verificados os demais requisitos já previstos. Contudo, há rendimentos que não serão declarados, por já terem sido tributados anteriormente, designadamente, rendimentos com fundos de investimentos nacionais e resgates de fundos nacionais e respetivas mais-valias.

A alteração, apenas entrará em vigor a partir de 1 de janeiro de 2023, pelo que, não prevendo também a LOE qualquer norma transitória referente à sua aplicação no tempo, o novo regime só poderá ser aplicado

em relação aos factos (transmissões) verificados após a sua entrada em vigor, sob pena de retroatividade (proibida pela Constituição). O mesmo será dizer que o regime de tributação das mais-valias ora aprovado e publicado se aplicará às alienações de ativos mobiliários ocorridos a partir de 2023, pois o facto relevante nesta tributação das mais-valias é o momento da alienação, isto é, ainda que o imposto se apure, apenas, no final de cada ano de tributação.

Com efeito, o facto gerador do imposto deve aqui ser localizado no tempo de acordo com a norma de incidência respetiva, e não de acordo com a determinação do rendimento coletável. Se fossem estas últimas a definirem o momento da verificação do facto tributário (aqui “instantâneo”), todos os factos tributários, em sede de IRS ou IRC, ocorreriam no final do ano, o que não sucede, designadamente, nas tributações autónomas.



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

| FISCAL

Residência Fiscal

Ao deixar-se Portugal para abraçar um novo desafio profissional, por um período superior a seis meses, centramos normalmente a nossa atenção no destino, mas também devemos prestar particular atenção ao país que deixamos.

O código do IRS define que a residência fiscal é em Portugal se o cidadão permanecer mais de 183 dias, seguidos ou interpolados no mesmo ano civil.

Esta regra é importante, pois determina onde o expatriado deverá apresentar a sua declaração de rendimentos no ano da partida, uma vez que não basta ter residência no estrangeiro, para ser considerado não residente em Portugal.

Em Portugal, tributa-se todo o rendimento obtido pelo residente fiscal, independentemente do país onde os rendimentos são obtidos.

Assim que se passa a residir no estrangeiro, deve-se comunicar de imediato



a nova morada às Autoridades Fiscais Portuguesas.

Caso o país de destino não seja um país comunitário, deve ser nomeado um representante fiscal em Portugal, que servirá de intermediário entre a Autoridade Tributária e o residente que parte.

Devemos também ter em conta as regras fiscais do país de destino, e analisar os eventuais tratados de dupla tributação existentes entre os dois países, de forma a salvaguardar a possibilidade dos rendimentos, relativos ao ano de instalação, poderem ser tributados no país de origem e de destino.

O Estado Português criou o conceito de residência fiscal parcial, para ultrapassar algumas situações de dupla tributação adicional, permitindo que sejam tributados em Portugal os rendimentos obtidos antes da alteração de residência para o estrangeiro.

Convém comunicar a todos aqueles que nos pagam rendimentos, que deixamos de ser residentes em Portugal, pois as obrigações de uns e outros dependem desse facto.

Não abordamos aqui a situação dos cidadãos que são destacados pelas suas empresas ou que são funcionários públicos.

Seguindo o conselho do provérbio popular: “Quem vai ao mar avia-se em Terra”, o expatriado deverá, pois, assegurar o seu correto enquadramento fiscal antes da sua partida, de forma a evitar futuras complicações. Na dúvida mais vale recorrer a um contabilista certificado.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Quando falham certos detalhes tudo se torna inútil.

info@amostradeletras.pt

.M.
amostra de letras
COMUNICAÇÃO



WWW.EIMIGRANTE.PT

VIVA A SUA REFORMA EM PORTUGAL



+351 217 960 436



GERAL@EIMIGRANTE.PT



@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO